REVISTA

Campo&Cidade®

Ed. nº 153 | Março/Abril 2025

- Brasil comemora 40 anos da redemocratização
- Hino Nacional foi oficializado há 135 anos

@Prefeituraltu | itu.sp.gov.br

100 DIAS DE GOVERNO

Vida em Movimento

Itu Cidade Linda

Segurança – Patrulha Maria da Penha

Programa Saúde em Dia

CCP - Centro de Capacitação Profissional

INÚMERAS AÇÕES para RECONSTRUIR ITU.

Em 100 dias a Prefeitura trabalhou e continua trabalhando para solucionar problemas e serviços descontinuados em diversas áreas. O trabalho está só começando! Estamos no início de uma nova era!

Itu PREFEITURA

Revista Campo&Cidade
REGP.C.R.P.J./Itu-SP.MIRC 4279
Ed. nº 153 - Março/Abril de 2025

Jornalista Responsável:
João José "Tucano" da Silva
MTb: 24.202

Edição:
João José "Tucano" da Silva

Colaboradores:
André Roedel, Antonio Rafael Júnior,
Beatriz Pires, Jonas Soares de Souza,
Regina Lonardi e Rodrigo Tomba

Fotografia:
André Roedel, Fátima Elaine Marqui da Silva,
Rodrigo Tomba e Tucano

Capa:
Luta pacífica pela democracia

Foto capa:
Fernando Santos - arquivo Folhapress

Diagramação:
Roberto Gonçalves da Silva
artecampoecidade@gmail.com

Revisão:
Fátima Elaine Marqui da Silva e Júlia Marqui da Silva

Publicidade:
UNICOM - Unidade de Comunicação Ltda.

Impressão:
Igil - Indústria Gráfica Itu Ltda.

Tiragem:
6.500 exemplares

Realização:

UNICOM
UNIDADE DE COMUNICAÇÃO

Avenida Palmeira Real, nº 740
Alto das Palmeiras - Itu/SP - CEP 13301-310
Fones (11) 4022.0503/4013.3733/99948.0068
www.campoecidade.com.br
campocidade@uol.com.br

Órgão de Comunicação declarado de **Utilidade Pública**
pela Lei Municipal nº 228 de 13.05.02.

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação sem prévia autorização.

As lembranças de quem viu a esperança invadir a Praça da Sé.....04
Casagrande fala com exclusividade à Revista Campo&Cidade sobre a Democracia Corinthiana.....12
Os 40 anos da redemocratização do Brasil.....14
Um hino monárquico consagrado pelos republicanos.....20
Além do Hino Nacional há outros marcantes no Brasil.....28
Símbolos Nacionais e a identidade da nação.....32
O uso político dos Símbolos Nacionais....38
Hinos e cantos de guerra: vozes que unem corações.....42

Na "batuta" histórica de um hino contagiante

Que brasileiro na vida não se emocionou ou sentiu orgulho ao cantar o Hino Nacional?

Nesta edição, a Revista Campo&Cidade presta homenagem aos 40 anos da redemocratização do Brasil e ao Hino Nacional, devido aos 135 anos de sua oficialização por meio do Decreto nº 171/1890, de 20 de janeiro de 1890. A melodia é de autoria de Francisco Manuel da Silva (1795 – 1865) e a letra foi escrita por Osório Duque-Estrada (1870 – 1927). O Decreto nº 4.559, de 21 de agosto de 1922, no governo do Presidente Epitácio Pessoa, autorizou o pagamento de 5.000$ (cinco contos de réis) pela letra do Hino Nacional, oficializada pelo Decreto nº 15.861, de 6 de setembro de 1922.

A música do Hino Nacional foi composta antes e a letra somente vários anos mais tarde. Pode parecer incrível, mas os autores não se conheceram, já que o poeta, escritor, professor, crítico literário, teatrólogo e ensaista Osório Duque-Estrada nasceu cinco anos após o falecimento, ocorrido em 18 de dezembro de 1865, do compositor e maestro Francisco Manuel da Silva, patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Música.

O virtuoso musicista foi um dos fundadores da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional. Além disso, fundou o Conservatório de Música em 1841, instituição que deu origem à Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EMUFRJ).

O Hino é um dos Símbolos Nacionais ao lado da Bandeira, do Brasão de armas e do Selo Nacional, elementos representativos de grande importância para a identidade e cultura cívica do País, os quais despertam o sentimento de pertencimento nos brasileiros, principalmente naqueles que amam e respeitam esta Pátria de verdade.

O leitor irá conhecer também um pouco da história de outros hinos e canções importantes que fazem parte do contexto histórico do Brasil, inclusive aqueles dedicados a escolas, instituições, clubes esportivos, estados e municípios – como o próprio de Itu, cantado em solenidades com orgulho pelo povo ituano.

Os 40 anos da redemocratização do Brasil, comemorados no mês de janeiro deste ano, também têm destaque nesta edição, assim como a campanha pelas Diretas Já, intenso movimento de militância política que sacudiu o Brasil inteiro e resultou na eleição de Tancredo Neves à presidência do Brasil em 15 de janeiro de 1985. A ideologia política, com o uso de Símbolos Nacionais por siglas partidárias, também faz parte do conteúdo da pauta.

A edição traz ainda entrevista exclusiva concedida à Revista Campo&Cidade pelo ex-atleta do Sport Club Corinthians Paulista e da seleção brasileira, Walter Casagrande Júnior (Casão), que vestiu a camisa da ativista e lendária equipe da Democracia Corinthiana, bicampeã paulista em 1982 e 1983.

Gentilmente, o roqueiro politizado Casagrande atendeu o nosso velho amigo repórter da ESPN BRASIL, Eduardo Affonso, mediador dessa entrevista em que ele contou sobre a sua participação naquele momento histórico da vida política do País ao lado de outros atletas como Sócrates, Wladimir, Juninho e do diretor de esporte do clube, Adilson Monteiro Alves.

A foto que ilustra a capa desta edição pertence ao arquivo de imagens da Folhapress, feita pela lente da câmera do fotógrafo premiado Fernando Santos. É um registro histórico do comício pelas Diretas já, em 25 de janeiro de 1984, quando a cidade de São Paulo comemorava 430 anos, manifestação democrática que reuniu milhares de pessoas na Praça da Sé. Que os Símbolos Nacionais continuem a suscitar sentimento de amor, respeito e brasilidade acima de tudo no coração de cada filho desta terra abençoada por Deus.

João José "Tucano" da Silva
Editor responsável

Conhecer a história dos Símbolos Nacionais, cultuá-los e preservá-los, é nosso dever como brasileiros

Fátima Elaine Marqui da Silva

As lembranças de quem viu a esperança invadir a Praça da Sé

Ituanos participaram de uma das maiores manifestações democráticas do País e viram os momentos que transformaram a política nacional

Fernando Santos/Folhapress

O relógio da Catedral da Sé marcava pouco mais de 11h30 da manhã, no dia 15 de janeiro de 1985, quando o deputado federal João Cunha (PMDB) declarou, em Brasília, seu voto favorável à eleição de Tancredo Neves (PMDB).

Sua declaração de voto, transmitida ao vivo para todo o Brasil, encontrou resposta imediata na multidão de cerca de 30 mil vozes reunidas na Praça da Sé, que entoaram, em coro e às lágrimas, o Hino Nacional Brasileiro. Era o fim do ciclo de 21 anos de ditadura militar. Era a esperança de quem sonhava com um País livre.

Entre os milhares que testemunharam aquele momento histórico estavam dois jovens jornalistas de Itu: Jair Italiani e Moura

A foto de Fernando Santos, que ilustra a capa desta edição, foi feita de um helicóptero durante o comício pelas Diretas Já em 25 de janeiro 1984, evento político que reuniu 300 mil pessoas na Praça da Sé na capital paulista

HINO NACIONAL BRASILEIRO

A CANÇÃO QUE EMBALA O NOSSO AMOR PELO BRASIL.

Cidadania, Amor, Respeito e Trabalho. Isso é que torna o BRASIL mais forte e competitivo!

porcher do Brasil

CONFIDENCE MAKES THE DIFFERENCE

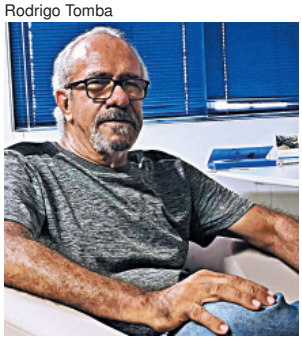
www.porcher-ind.com | www.porcher.com.br

Avenida Caetano Ruggieri nº 4153 - Itu/SP - (11) 4023-1966

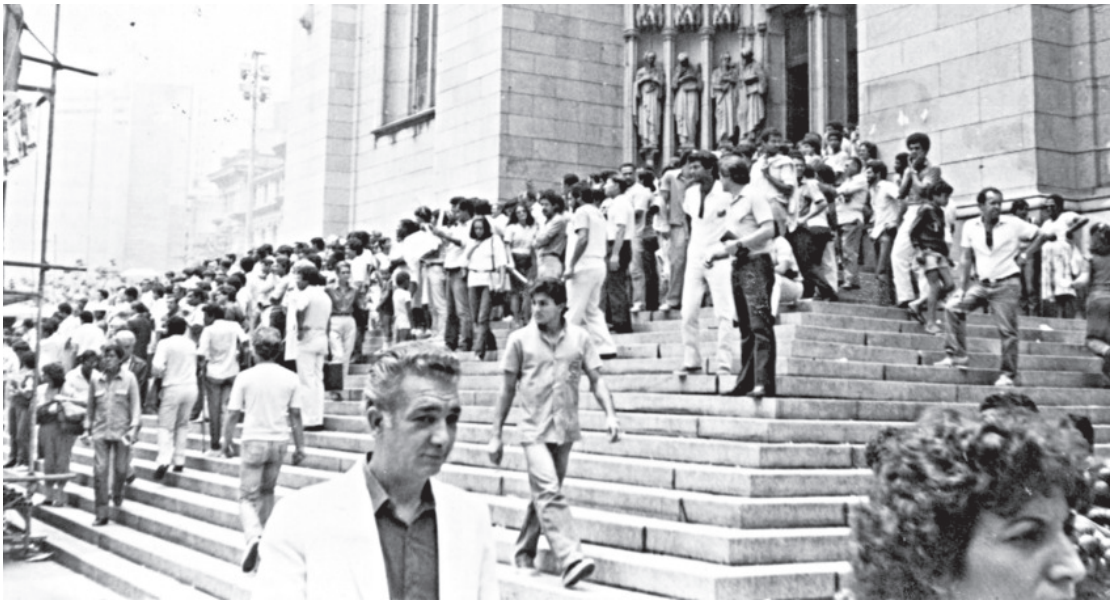
Fotos: Coleção Jair Italiani

Jair Italiani “fugiu” do trabalho para viver um momento histórico-político do Brasil

Rodrigo Tomba



Moura Nápoli se lembra como a Democracia Corinthiana temperou ainda mais aquele período histórico-político do País



Registro fotográfico feito por Jair Italiani no dia 15 de janeiro de 1985 de pessoas concentradas nas escadarias da Catedral da Sé durante a votação no Congresso Nacional que consagraria Tancredo Neves como Presidente do Brasil

Aqui, outro registro fotográfico feito por Italiani no mesmo dia que mostra, ao fundo, o placar de votação das Eleições Diretas que elegeu Tancredo Neves. Hoje, 40 anos após, as fotos do repórter ituano finalmente estão sendo publicadas

Nápoli, que trabalhavam no Jornal Periscópio. Naquele dia histórico para o Brasil a jovem dupla “fugiu” do trabalho, sem comunicar ninguém, para viver a história. “Chegamos no metrô e saímos no meio da multidão”, lembra Italiani. Sem pensar duas vezes, avistaram o primeiro palanque improvisado e o escalaram. Depois, pegaram panfletos jogados no chão, fingindo distribuí-los aos presentes, só para conseguir uma visão privilegiada do que acontecia.

A transmissão era precária, nada dos modernos telões de hoje. Um amontoado de televisores formava um grande painel improvisado. Mas bastava. Cada nome chamado no Congresso, cada voto favorável, cada pequena vitória arrancava aplausos, lágrimas, abraços de desconhecidos. A Praça vibrava como se fosse o próprio coração do Brasil batendo pela primeira vez em liberdade.

A fuga dos dois repórteres, no entanto, não terminou em glória. A edição do jornal precisava ser fechada na manhã seguinte, e o chefe, José Carlos Rodrigues de Arruda, proprietário e editor do Periscópio, ficou furioso com a ausência dos jornalistas. “Quase perdemos o emprego, mas a verdade é que fomos movidos pela curiosidade, pela ânsia de fazer parte daquele momento. A gente queria viver aquilo. E vivemos”.

A intenção de ambos era fazer uma grande reportagem do momento para o periódico ituano, mas não deu certo. “No dia seguinte o Zé Carlos gritava: ‘O ‘Estadão’ já deu a notícia”, conta Italiani. A matéria que eles pretendiam trazer quente para Itu já chegava morna. “É como cobrir um incêndio e, quando chegar, só ter rescaldo”, compara Italiani.

Não foi o que aconteceu na Rádio Emissora Portofelicense, que naquela época era comandada por Mauro Nóbrega e José Roberto Ercolin, a qual transmitiu, ao vivo, a votação que derrubou a ditadura, levando, em tempo real, informações para a região.

Itu, a cidade dos dois jovens repórteres, vivia seus próprios dilemas em meio à efervescência política. Embora predominan-

Aquilo que carrega valor histórico, simbólico ou institucional deve ser preservado com

excelência

E MARCADO COM PRECISÃO

Há mais de 47 anos.

A **Indemetal Etiquetas** iniciou suas atividades na cidade de Itu, interior de São Paulo, com a produção de etiquetas metálicas para identificação de produtos e hoje, **nosso portfólio abrange diversos segmentos,** tanto em bens duráveis ou produtos de consumo rápido.

Identificando seu produto desde 1978

INDEMETAL®
ETIQUETAS

temente conservadora, a cidade tinha em sua liderança o prefeito Lázaro José Piunti (PMDB). "Piunti era de esquerda, mais socialista", recorda Jair. "Ele apoiava abertamente o movimento das Diretas Já, ainda que com a parcimônia que o regime militar exigia."

Jesus Vazquez Meira Perez (PMDB), que naquela época era vice-prefeito, confirma: "O Piunti foi uma liderança. Alinhado ao grupo de Mário Covas e Fernando Henrique, ele tinha forte ligação com os movimentos sindicais. Sob a liderança dele, organizávamos caravanas para os comícios na Praça da Sé e no Vale do Anhangabaú". Em cada viagem, cerca de 10 a 15 ônibus deixavam Itu rumo à capital. A comitiva era formada por todo tipo de gente. Cerca de 20% delas eram realmente politizadas; o restante ia no embalo, segundo o afirmou o ex-vice-prefeito.

Coleção José do Carmo da Silva Filho

O ex-vice prefeito de Itu Jesus Vasquez Meira Perez (à dir.), que aparece ao lado do funcionário público aposentado da prefeitura, José do Carmo da Silva Filho, esteve presente nos comícios pelas Diretas Já no Vale do Anhangabaú e na Praça da Sé

Os comícios que antecederam o dia histórico da votação ocorreram ao longo do ano de 1984. Um deles, segundo o jornal Folha de S. Paulo, reuniu mais de 300 mil pessoas em frente à Catedral da Sé. "Os números variam, mas uma coisa é certa: esse comício foi a maior manifestação já realizada em São Paulo desde a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964", publicou o periódico no dia 26 de janeiro de 1984.

O jornal relatou fatos curiosos sobre o comício das Diretas Já no dia em que a capital paulista comemorou 430 anos. "A pinguinha das diretas" era vendida a Cr$ 100, enquanto o pipoqueiro gritava "quem quer votar pra presidente compra pipoca quente". Enquanto isso o povo cantava "apesar de você amanhã há de ser outro dia…", além de muitos outros sucessos de Elis Regina e Chico Buarque.

Moura Nápoli, que também embarcou na jornada ao lado de Jair, recorda como a Democracia Corinthiana — o movimento liderado por Sócrates, Casagrande e Wladimir — temperou ainda mais aquele período. "A rivalidade entre clubes existia, mas não como hoje. O movimento das Diretas Já uniu todo mundo. Não importava se você torcia para o Corinthians, São Paulo, Palmeiras ou Santos. O que importava era o Brasil".

No dia 15 de janeiro de 1985, Moura viu algo que talvez nunca mais se repetisse: Lula, Fernando Henrique, Tancredo Neves, todos no mesmo palanque, lutando pela mesma causa. "Foi extraordinário", define.

"Ver e ouvir Osmar Santos liderar aqueles comícios era algo inesquecível", lembra Pérez, emocionado. Osmar, com sua voz potente e seu carisma, era o maestro regendo a sinfonia de um povo que pedia liberdade, completou o ex-vice prefeito.

Arquivo Enzo Labronici

Da esq. para dir. Enzo Labronici, Osmar Santos, Maria Helena C. Duarte, Márcia Cunha, Rita Labronici (sentada), Paula Maria Pereira Dias, Célia Pereira Dias e Paulo Pereira Dias

O ituano Enzo Labronici, que viveu a ditadura e viu muitos amigos presos, acompanhou Osmar Santos durante os comícios realizados em São Paulo pela televisão, e não tinha nenhuma relação de amizade com ele naquela época. Porém, anos depois, o ex-locutor esportivo da Rádio Globo foi indicado para fazer hidroterapia com a esposa de Enzo após o grave acidente de carro que sofreu em 1994. "E eu ajudava ela, mas eu não era terapeuta", completa. Ambos se tornaram muito amigos. Enzo conta que se tornou terapeuta em razão da reabilitação de Osmar Santos.

Sobre as Diretas Já, Enzo afirma que nenhum artista quis fazer o que o Osmar fez, ninguém queria 'puxar' o palanque porque as televisões e as emissoras ameaçaram a todos eles", afirma. Segundo ele, foi a influência de Osmar Santos que moveu o povo, pois ele era o único que tinha coragem de falar de política no meio do futebol. "Se não fosse o Osmar não teria Diretas Já", afirma Enzo. "Osmar Santos é meu herói, mesmo", completa. O jornal "Folha de S. Paulo", de 26 de janeiro de 1984, corrobora a opinião de Enzo ao afirmar em sua edição do dia seguinte que: "Osmar Santos, esplêndido apresentador que soube controlar a multidão e garantir a palavra até mesmo de políticos do PTB e PDS, que o povo insistia em vaiar".

Em Itu, nomes como Tomé, jornalista apaixonado pelo PT, também movimentavam a cidade. "Ele tinha uma devoção impressionante", conta Moura Nápoli. "Movimentou muita coisa por aqui."

Depois de 40 anos, Italiani e Moura refletem sobre o que viveram. "Se fosse hoje, estaríamos fazendo uma *live*, transmitindo tudo em tempo real", brinca Moura. Mas o que ficou foram marcantes lembranças vividas, e algumas poucas fotos em filmes preto e branco, de seis poses, — que, hoje, passados 40 anos, finalmente são publicadas como desejavam os jovens jornalistas ituanos naquela época. ■

Rodrigo Tomba

grupolorenzon.com.br

grupolorenzon

Grupo Lorenzon

grupo_lorenzon

DESDE 1950
QUALIDADE & TRADIÇÃO
LORENZON

ITU: A matriz do Grupo Lorenzon fica localizada na Av. Dr. Octaviano Pereira Mendes - nº 1241

Grupo LORENZON

HÁ 75 ANOS CRESCENDO COM ITU E REGIÃO!

ITU - FÍLIAL
Av. Tiradentes, nº 380
Vila Nova

ITUPEVA:
Avenida Brasil, nº 1570
Jardim Primavera

PORTO FELIZ:
Av. Monsenhor Seckler
nº 1477 - Jd. Borba Gatos

SALTO:
Rua Escócia, nº 567
Jardim Elizabeth

INDAIATUBA:
Rua Antônia Martins Luiz,
nº 248 - Distrito Industrial
João Narezzi

Fotógrafo Fernando Santos e a foto aérea premiada que marcou as Diretas Já

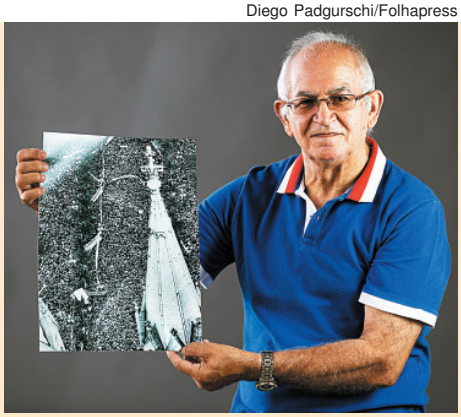
A foto de capa desta edição da Revista Campo&Cidade é uma das imagens captadas pela lente da câmera do fotógrafo Fernando Rodrigues dos Santos, conhecido na na grande imprensa como Fernando Santos, durante o histórico comício das Diretas Já, realizado na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 25 de janeiro de 1984. O evento reuniu mais de 300 mil pessoas reivindicando - de forma pacífica - eleições diretas no Brasil.

Em relato exclusivo, Fernando Santos contou que estava na redação da Folha de S. Paulo quando foi chamado às pressas para embarcar em um helicóptero no Campo de Marte para registrar o comício do alto. Mesmo sob a fina garoa paulistana, ele fez dezenas de cliques da multidão que se encontrava concentrada na Praça da Sé.

Embora a imagem escolhida para a capa desta edição da Revista Campo&Cidade não seja a mesma que estampou a primeira página do jornal Folha de S. Paulo no dia posterior ao comício, ela integra a mesma série de registros aéreos realizados por Fernando Santos naquele emblemático 25 de janeiro de 1984, feriado em que São Paulo completava 430 anos. Entre as muitas fotos feitas durante o sobrevoo da Praça da Sé, uma em especial se destacou: nela, a cúpula da Catedral, vista do alto, assemelhava-se ao manto de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, cercada por uma multidão compacta, segundo Fernando Santos. Essa imagem foi rapidamente escolhida para ilustrar a capa do jornal Folha de São Paulo e acabou consagrando o fotógrafo com o Prêmio Esso de Fotojornalismo, um dos mais importantes do País. "Foi extraordinário", relembra Fernando Santos. O impacto da foto foi tão grande que o então governador de São Paulo, André Franco Montoro (PMDB), solicitou uma cópia ao jornal Folha de São Paulo e a expôs em seu gabinete no Palácio dos Bandeirantes. Além disso, mandou imprimir outras 22 reproduções e as destinou aos governadores dos Estados brasileiros como símbolo da mobilização democrática que tomou conta do País naquela ocasião.

Nascido em Portugal e radicado no Brasil desde 1951, Fernando Santos iniciou sua carreira profissional como fotógrafo nas margens do rio Tietê, apaixonado por futebol e pelas cenas das peladas esportivas da várzea. Essa paixão o levou a cobrir duas Copas do Mundo, em 1974, na Alemanha, e, em 1978, na Argentina. Exerceu a profissão durante mais de 50 anos, sendo 44 deles dedicados ao jornal Folha de S. Paulo, onde trabalhou até 2011. **(R.T.)**

Diego Padgurschi/Folhapress



Fernando Santos, 41 anos depois, com a histórica foto nas mãos que lhe rendeu o prêmio Esso de fotojornalismo. "A cúpula da catedral parecia o manto da Nossa Senhora Aparecida", afirmou o fotógrafo

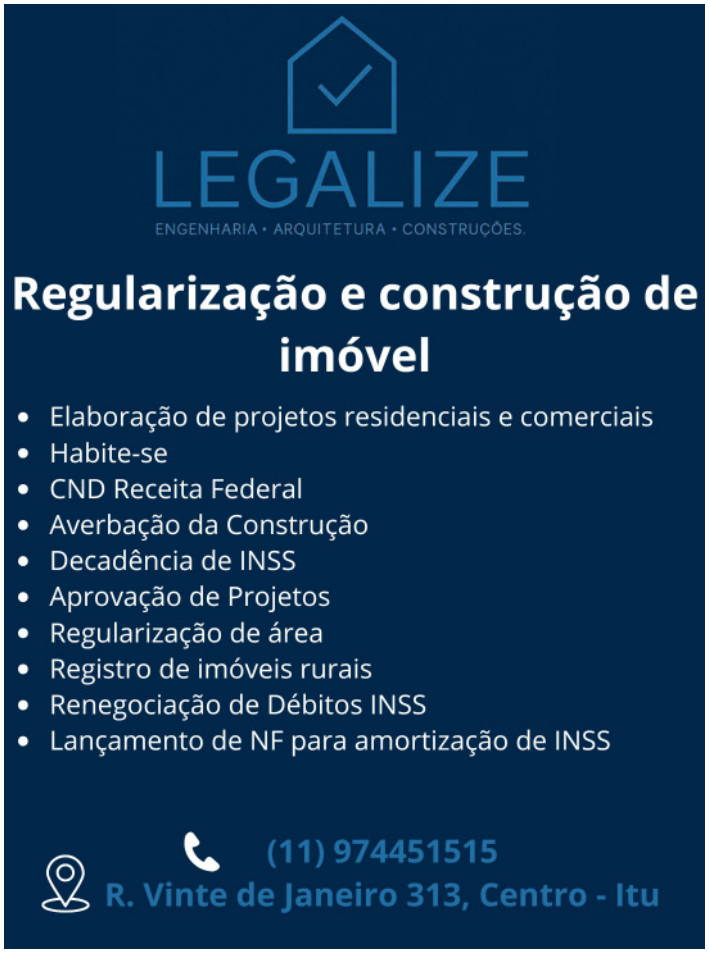
Reprodução

FOLHA DE S.PAULO

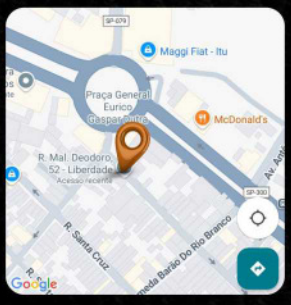
300 mil nas ruas pelas diretas

Gasolina a 564, álcool a 332

No detalhe, reprodução da capa do jornal Folha de São Paulo, de 26 de janeiro de 1984, que estampou a premiada foto feita por Fernando Santos



COMUNICADO
MUDANÇA DE ENDEREÇO



Rua Marechal Deodoro, nº 52
Centro - Itu/SP

Fone: (11) 4013-2727

Atendimento: 9h às 16h

Casagrande fala com exclusividade à Revista Campo&Cidade sobre a Democracia Corinthiana

"Hoje, falta tempo e coragem", lamenta o ex-atleta corintiano

Naquela tarde de abril de 1984, Walter Casagrande Júnior (Casão) subiu ao palco no Vale do Anhangabaú como quem atravessa uma ponte entre dois mundos. De um lado, o futebol, com seus gols, suas vitórias e arquibancadas com torcidas fervorosas. Do outro, a esperança de um País inteiro sufocado pela repressão, sonhando com a liberdade. Ao lado de Sócrates, Wladimir, Juninho e do diretor de futebol naquela época do Sport Club Corinthians Paulista, Adilson Monteiro Alves, Casagrande não era apenas o centroavante do time: era o rosto de uma juventude que se recusava a aceitar a mordaça imposta pela ditadura militar.

O atleta conta que foi de metrô. "A cidade inteira parecia estar se movendo para o mesmo lugar", contou. No vagão lotado, olhares cúmplices reconheciam os jogadores, mas ninguém falava de futebol. Ali, o que unia as pessoas era um sentimento maior: a luta pelas Diretas Já, lembra Casagrande. A verdadeira dimensão daquele instante só se revelou quando ele, já no palco, ergueu os olhos e viu um oceano humano se estendendo até onde a vista não alcançava. "Foi a maior emoção coletiva que eu senti na minha vida", afirmou o ex-jogador.

A Democracia Corinthiana, movimento do qual Casagrande foi um dos pilares, era muito mais do que uma inovação no futebol. Era uma pequena revolução em pleno coração da sociedade brasileira. "A proposta era essa: ser jogador de futebol, mas com uma vida social normal, como qualquer trabalhador", explica. As decisões sobre viagens, concentrações, contratações e até mesmo sobre o esquema tático eram tomadas de forma coletiva. "Nunca escalamos

Divulgação

Segundo Casagrande, se não existisse a Democracia Corinthiana, o processo das Diretas Já teria sido mais longo

ninguém, nem mudamos treino — isso é fantasia", reforça.

Dentro do clube, a liberdade brotava, mas do lado de fora, a repressão ainda respirava. A ditadura militar tentava abafar o movimento. "Ligavam para o clube, proibiam o uso da palavra 'democracia', perseguiam", relembra. Havia resistência também de setores conservadores do clube, mas o povo estava com eles. O meio artístico, os intelectuais, a maioria da sociedade — todos viam na ousadia do Corinthians um reflexo da própria luta por liberdade.

Casagrande reconhece a importância histórica daquele gesto. "Se não existisse a Democracia Corinthiana, o processo das Diretas Já teria sido mais longo, teria demorado mais", avalia. O Corinthians, bicampeão paulista, com sua torcida imensa e popular, defendendo abertamente a democracia, incendiou o imaginário coletivo e reforçou a ideia de que a mudança era possível.

O tempo, no entanto, trouxe outras batalhas. E hoje, olhando para o futebol moderno, Casagrande não esconde a sua frustração. "O jogador de futebol ainda não entendeu, ou desaprendeu, que tem uma voz ativa dentro da sociedade", lamenta. Para ele, causas universais como a defesa da Amazônia, o combate à violência, ao racismo, à homofobia e ao feminicídio não deveriam ser divididas por ideologias. "Não é direita ou esquerda, é uma defesa da sociedade."

Arquivo pessoal Eduardo Affonso

Eduardo Affonso (à esq.), jornalista da ESPN BRASIL, que iniciou sua carreira como repórter esportivo em veículos de comunicação de Itu e região, está ao lado do seu amigo Casagrande

Na sua visão crítica, os atletas de hoje se escondem atrás de postagens protocolares nas redes sociais. "Manifesto não existe mais. Antes, um manifesto mudava tudo. Hoje, só a atitude muda as coisas. E falta atitude", dispara. Para Casagrande, a tecnologia não substitui a mobilização real, coletiva, nas ruas, nos palcos, nos gramados.

Nos anos 80, no entanto, tudo era diferente. Sem internet, sem TV a cabo, o vestiário era o espaço de debate. As ideias circulavam no departamento médico, nas concentrações, no café da manhã. Foi assim que, após a demissão do técnico Mário Travaglini, em 1983, os próprios jogadores decidiram que Zé Maria, então atleta do elenco, deveria ser o novo treinador, garantindo que o espírito da Democracia fosse preservado.

O time bicampeão paulista de 1982 e 1983 provava, dentro e fora de campo, que a liberdade era possível — e necessária.

Quatro décadas depois, Casagrande ainda carrega nas palavras a intensidade de quem viveu um tempo em que o futebol foi capaz de mudar muito mais do que placares. "A Democracia Corinthiana acendeu a chama da redemocratização. Mostrou que era hora de todas as classes se unirem para reivindicar por um País livre".

E talvez, em cada lembrança que Casagrande compartilha, em cada história que revive, ressoe o mesmo hino que Fafá de Belém entoava nos comícios: o som da liberdade, que nunca deveria ser esquecido. ■

Nota: *A entrevista com o ex-jogador Casagrande foi concedida com exclusividade para a Revista Campo&Cidade por intermédio do jornalista Eduardo Affonso, repórter da ESPN BRASIL. Eduardo Affonso iniciou sua carreira como repórter esportivo atuando em veículos de comunicação de Itu e região no final da década de 1980.*

Rodrigo Tomba

Os 40 anos da redemocratização do Brasil

A eleição de Tancredo Neves (PMDB) em 1985 marcou o fim do regime militar e emocionou o País

"Tenho a honra de dizer que o meu voto enterra a ditadura funesta que infelicitou a minha pátria". Foi com essas palavras que o deputado federal João Cunha (PMDB) sacramentou a vitória de Tancredo Neves (PMDB) na eleição presidencial de 1985, que representou o fim do regime militar no Brasil. Tancredo era o candidato da oposição no pleito conduzido pelo Colégio Eleitoral em 15 de janeiro daquele ano.

No encerramento da sessão que deu a vitória a Tancredo com mais de 70% dos votos sobre o candidato governista Paulo Maluf (PDS), a multidão que acompanhava a votação do lado de fora do Congresso Nacional, em Brasília/DF, explodiu em festa para comemorar o retorno da democracia. Mais que isso, nascia ali um sentimento de grande esperança para um povo cansado e castigado por crises econômicas e por uma política repressiva que marcou os 21 anos de ditadura.

A comemoração tomou conta das ruas do País, com milhões de pessoas se reunindo nos pontos principais das cidades carregando bandeiras do Brasil, vestidas de verde e amarelo. Jornais da época registram que o clima

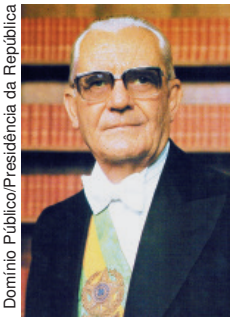
Arquivo Senado Federal

Multidão ocupou todos os espaços possíveis do lado de fora do Congresso Nacional para acompanhar a eleição indireta para a Presidência da República, em 15 de janeiro de 1985

Fotos: Célio Azevedo/Senado Federal

Tancredo Neves (ao centro) comemora a vitória na eleição presidencial de 1985 ao lado de sua esposa, Risoleta Neves, e do deputado Ulysses Guimarães (PMDB), um dos mais influentes políticos da época e que viria a conduzir, três anos mais tarde, a promulgação da Constituição Federal

Domínio Público/Presidência da República



Com seu plano de conduzir uma abertura "lenta, gradual e segura", o Presidente Ernesto Geisel encampou a política de distensão do regime

nas ruas era uma mistura de Copa do Mundo e Carnaval. Destaque para o Rio de Janeiro/RJ, onde uma enorme concentração de pessoas na Cinelândia, na região central da cidade, brindou a redemocratização entoando de forma comovente o Hino Nacional.

Tancredo discursa no Congresso pouco depois de vencer Paulo Maluf nas eleições indiretas para presidente, em 1985

Antecedentes

O longo caminho para a redemocratização foi percorrido com uma morosidade proposital imposta pelos militares. Instaurado em 31 de março de 1964, o regime teve sua fase mais repressiva e violenta entre 1968 e 1974, com a decretação do Ato Institucional Nº 5 (AI-5) e o aparelhamento do Estado com órgãos de combate ao que era considerado subversivo, notadamente os serviços de espionagem, censura e tortura.

Quando o general Ernesto Geisel chegou ao poder, em 1974, o incontestável desgaste do regime perante a sociedade o fez traçar um planejamento para conciliar as diretrizes militares a um processo que levasse a algum tipo de democracia que, ainda assim, fosse restrita e possível de ser controlada. Assim nasceu o projeto de distensão política.

Arquitetado por Geisel e seu fiel escudeiro, o general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, esse projeto de distensão começou combatendo a chamada linha dura do regime. Segundo o historiador Marcos Napolitano, um dos principais estudiosos do regime militar no País, Geisel e Golbery não propunham a abertura política porque consideravam a repressão e a censura sobre a sociedade indignas e ilegítimas, mas sim porque enxergavam esse cenário como insustentável a longo prazo, principalmente com as turbulências econômicas daquela época.

Uma das primeiras ações nesse sentido foi buscar aproximar o regime da sociedade por meio da imprensa, até então vítima de rigorosa censura. Para a pesquisadora Celina Duarte, a estratégia de Geisel era legitimar o projeto de distensão perante os formadores de opinião, acompanhar as reações da sociedade, reverter as expectativas da clas-

Arquivo Público do Distrito Federal

Tanques posicionados no entorno do Congresso Nacional, em Brasília

Sarney governou o Brasil na 2ª metade da década de 1980

se média em relação à economia e neutralizar a pressão dos órgãos repressivos.

Lenta, gradual e segura

Conter a linha dura do regime não era tarefa fácil. Ao perceber o flerte de Geisel com a abertura, o aparelho repressivo reagiu. O assassinato do jornalista Wladimir Herzog, em 1975 em São Paulo/SP, foi prova disso. Se por um lado Geisel propunha um projeto de abertura que classificava como "lento, gradual e seguro", por outro lado a sociedade demonstrava cada vez mais inquietude. Os efeitos ilusórios do chamado "milagre econômico" difundido pelo seu antecessor, general Emílio Garrastazu Médici, evaporaram e deram lugar a um cenário de desaceleração da economia, muito influenciada, é verdade, pela crise internacional do petróleo de 1973.

Num panorama de grande desigualdade social, uma nova crise do petróleo no final dos anos 1970 gerou um caos econômico no País, com redução drástica do fluxo de capital estrangeiro, dívida externa descontrolada e inflação desenfreada.

Nesse contexto, a forte pressão da sociedade trouxe grandes preocupações aos militares. De acordo com Marcos Napolitano, professor doutor da USP (Universidade de São Paulo), várias manifestações de rua foram importantes para a luta democrática a partir de 1977, como o movimento estudantil, a campanha pela anistia e o movimento operário com suas greves marcantes. "Os protestos de rua se tornaram mais amplos e difusos com a ampliação da insatisfação por causa da crise econômica", argumenta Napolitano.

Abertura política

A pressão sobre os militares também estava presente na política partidária. Após massacrar a Arena (partido ligado ao governo) nas eleições legislativas de 1974, o oposicionista MDB viu os militares reagirem em 1977 com uma reforma política que mudou as regras de representação política no Congresso. Essa reforma garantiu, entre outras coisas, a vitória do general João Batista Figueiredo como Presidente em 1978.

No entanto, o retorno de importantes figuras políticas ao País graças à anistia e o fim do bipartidarismo, no final dos anos 70, voltaram a fortalecer a oposição. Tanto é que, nas eleições de 1982, os militares sofreram duras derrotas para a oposição, em especial em São Paulo e Minas Gerais, com a vitória dos governadores Franco Montoro e Tancredo Neves, ambos do PMDB, enquanto Leonel Brizola (PDT) venceu no Rio de Janeiro.

Apesar de Figueiredo ter ampliado seu mandato para seis anos, o cronograma da abertura política programado pelos militares previa eleições indiretas para presidente em 1985. Partidos como o PMDB, PT e PDT até tentaram antecipar esse cronograma com o movimento das Diretas Já, em 1984, mas as emoções ficaram mesmo reservadas para o ano seguinte.

Fotos: Arquivo Senado Federal

Povo toma a Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para acompanhar em 15 de março de 1985 a caminhada de José Sarney (PMDB) com sentido à rampa do Congresso, onde tomaria posse como vice-presidente da República

Tancredo Neves com sua equipe médica no Hospital de Base de Brasília. Após uma série de cirurgias, o Presidente eleito faleceu sem tomar posse e comoveu uma nação inteira

Sob a mesma direção há 13 anos!

PIZZARIA ITU PIZZA

Forno a Lenha

AGORA, A **NOSSA PIZZA** PASSOU A CHAMAR-SE **"PIZZARIA ITU PIZZA"**.

Mudamos de nome, mas a qualidade da nossa pizza continua a mesma que tem conquistado o paladar de nossa **clientela desde 2012**. É de dar água na boca!

+ DE 75 SABORES DE PIZZA
CONSULTE NOSSO CARDÁPIO

BORDAS RECHEADAS DE CATUPIRY, CHEDDAR E MUÇARELA

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

DE DOMINGO A QUINTA-FEIRA DAS 18H ÀS 23H
DE SEXTA-FEIRA E SÁBADO DAS 18H ÀS 23H30

(11) 2715-7685 **(11) 4013-0888** **(11) 4024-7558** **(11) 94374-3372** **(11) 96372-2387**

Avenida Caetano Ruggieri nº 2945 - Pq. Nossa Senhora da Candelária - Itu/SP

A derrota na votação das Diretas não arrefeceu a oposição, que "costurou" uma chapa presidencial com uma ala dissidente do PDS, partido governista que havia se originado da Arena. Essa dissidência, chamada Frente Liberal, que mais tarde viria a se chamar PFL, tinha resistência ao nome do ex-governador paulista Paulo Maluf como candidato a presidente e indicou o nome de José Sarney, antigo aliado do regime, para ser vice de Tancredo Neves, ambos pelo PMDB.

Nacionalismo e democracia

Para o historiador Marcos Napolitano, Tancredo Neves conseguiu construir uma ampla aliança política e ideológica que incluía dissidentes do regime, como o seu vice Sarney, liberais moderados, oposição liberal histórica e oposição de esquerda. Isso ajudou a inflamar as manifestações públicas a seu favor, tal como ocorria até então nos protestos de rua. "Houve uma apropriação da bandeira brasileira e do hino nacional para demonstrar o caráter cívico e apartidário dos protestos", salienta Napolitano.

O histórico 15 de janeiro de 1985 ainda está presente na memória de muita gente que se emocionou ao ver ou ouvir a eleição indireta conduzida pelo Colégio Eleitoral, no Congresso Nacional. A antiga Rádio Emissora Portofelicense, de Porto Feliz/SP, foi a única rádio de nossa região que transmitiu ao vivo o pleito diretamente de Brasília.

Coleção Oscar Verzola Júnior

Paulo Henrique Baldini

Os radialistas Oscar Verzola Júnior (acima) e José Roberto Ercolin comandaram a transmissão histórica da eleição de Tancredo Neves para Presidente diretamente de Brasília para a Rádio Emissora Portofelicense. Ercolin aparece na foto à direita ao lado do radialista portofelicense Mauro Nóbrega (ao microfone)

A transmissão foi realizada pelos radialistas José Roberto Ercolin e Oscar Verzola Júnior. Posteriormente, Ercolin marcou época na Rádio Jovem Pan, em São Paulo. Com modestos recursos financeiros conseguidos junto a rádio e patrocinadores, Verzola e Ercolin subsidiaram despesas com transporte até Brasília, onde conseguiram apoio para hospedagem e credenciais com os deputados Ricardo Bernardi (PMDB) e Bete Mendes (PT).

Verzola conta que ele e Ercolin fizeram a transmissão na parte superior do Congresso, sobre os dois edifícios em forma de pratos, e que não segurou a emoção ao narrar a eleição e ver aquela multidão do lado de fora. "Eu comecei a falar e chorar ao mesmo tempo até que o Ercolin, brilhantemente, pegou o microfone e conseguiu passar aquela emoção com toda a sua técnica", recorda Verzola.

A vitória de Tancredo fez o País explodir em êxtase! Sua posse estava marcada para dois meses depois, mas na véspera ele foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília com fortes dores abdominais. Em choque, o País assistiu Sarney tomar posse como presidente interino em 15 de março de 1985, mas com expectativa da recuperação de Tancredo. O presidente eleito, no entanto, não resistiu e, após ser transferido para São Paulo e piorar clinicamente, faleceu em 21 de abril. A redemocratização começava assim, do êxtase à comoção nacional pela perda de um grande líder político. ■

Antonio Rafael Júnior

1 1 D E M A I O

AMOR E CARINHO DE MÃE SÃO OS MELHORES "REMÉDIOS" PRA TUDO NA VIDA DA GENTE!

Homenagem:

Botica Lírio D'água® Desde 1985

FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO E HOMEOPATIA

LírioVet MANIPULAÇÃO VETERINÁRIA

liriodagua.com.br

Rua Santa Rita nº 1471 - Centro - Itu/SP

(11) 4022-7655

liriodaguaitu

boticaliriodagua

Um hino monárquico consagrado pelos republicanos

Campanha para manter a composição musical de Francisco Manuel da Silva

Ouvia-se nos bancos escolares a versão que atribuía a Deodoro da Fonseca a decisão de manter o velho hino monárquico como Hino Nacional. Proclamada a República, foi aberto um concurso para a escolha de um novo Hino Nacional, um Hino da República. Os membros do Governo Provisório se reuniram no Teatro Lírico, no dia 20 de janeiro de 1890, para ouvir as composições concorrentes. Após as audições dos hinos selecionados, executou-se também o Hino Nacional Brasileiro de Francisco Manuel da Silva, ao que o Marechal teria dito: "prefiro o velho".

Essa versão foi contada por Guilherme Teodoro Pereira de Melo no seu livro de 1908, *A música no Brasil - desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República,* e repetida por outros autores que escreveram depois dele. O livro de Guilherme Melo foi o primeiro a tratar do assunto na República. Algumas páginas à frente no mesmo livro, ele diz que o hino "fora proclamado deliberativamente pelo povo Hino Nacional Brasileiro". No entanto, a história é bem outra, como contam historiadores e estudiosos do assunto.

Domínio Público

Guilherme de Mello, professor de música, maestro de banda e escritor. Em 1908 publicou o livro que é considerado a primeira obra a tratar da história da música no Brasil, profundamente marcada pelo pensamento positivista e racial vigente na época

Revista Ilustrada, 21/06/1890

A República Francesa, reconhecimento da República Brasileira

No dia 15 de novembro de 1889 ainda se ouvia a Marselhesa pelas ruas das cidades. A Marselhesa (*La Marseillaise*), até o final do século 19, era tanto o hino francês como o hino de revolucionários de todos os países. Composto pelo oficial Claude Joseph Rouget de Lisle em 1792 como canção revolucionária, adquiriu grande popularidade durante a Revolução Francesa, particularmente entre as unidades do exército de Marselha. Daí a origem do nome. No Brasil, os comícios republicanos eram animados com o hino francês, cantado com a letra de Rouget de Lisle. Certamente, ele foi cantado nas ruas de Itu nos tempos da Convenção de 1873.

Estratégia para desbancar a Marselhesa

O líder republicano Antônio da Silva Jardim buscara uma letra brasileira para a Marselhesa entre o final de 1888 e o começo de 1889. Mas, Olavo Bilac e Luís Murat, a quem consultava, recusaram-se a colaborar. No entanto, o Governo Provisório decidiu promover um concurso para a escolha do Hino Nacional. O concurso foi lançado a 22 de novembro de 1889, por iniciativa do crítico musical José Rodrigues Barbosa, funcionário do Ministério do Interior, na época chefiado por Aristides Lobo. Competiram alguns dos mais importantes músicos da época como Francisco Braga, Jerônimo de Queiroz, Alberto Nepomuceno e Leopoldo Miguez.

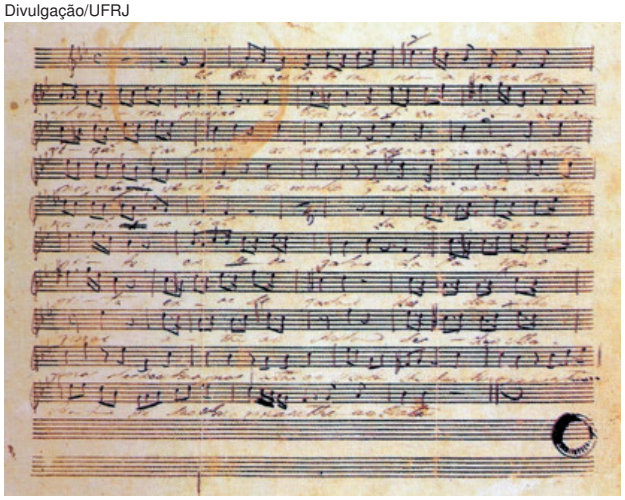
Quase ao mesmo tempo, um outro crítico musical, Oscar Guanabarino, deflagrou uma intensa campanha pela manutenção do velho hino de Francisco Manuel da Silva. A sua estratégia era desvincular o velho hino do velho regime, vinculando-o à ideia de pátria ou de nação, como conta o músico e historiador da música Avelino Romero Simões Pereira. Apelava-se também para a memória dos chefes militares, Deodoro, em particular, que haviam participado de combates ao som do hino: "Apelamos para o chefe do Governo Provisório, a quem perguntamos – Marechal, nos campos do Paraguai, quando à frente das colunas inimigas a vossa espada conquistava os louros da vitória e as bandas militares tangiam o Hino Nacional, qual era a ideia, o nome que acudia à vossa mente no instante indescritível do entusiasmo – a Pátria ou o Imperador? Decidi, portanto, digno cidadão, de acordo com a resposta da vossa consciência" (O novo hino, em *O País*, 4 de janeiro de 1890, citado por PEREIRA, Avelino, 1995).

Quando foi composto o hino?

A campanha de Guanabarino surtiu efeito. No dia 15 de janeiro, por ocasião das comemorações do segundo mês do início do novo regime, o então major Inocêncio Serzedelo Corrêa encaminhou ao Governo Provisório um pedido para a manutenção do hino. O pedido foi dirigido ao Ministro da Guerra, Benjamin Constant, "em nome do Povo, do Exército e da Armada", que prontamente o atendeu.

Portanto, a manutenção do velho hino já

Divulgação/UFRJ



Manuscrito original do Hino Nacional Brasileiro, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, composto por Francisco Manuel da Silva e executado por ocasião da abdicação de D. Pedro I em 1831. Em 1841, a mesma melodia ganharia uma nova letra, de autor desconhecido, por ocasião da coroação de D. Pedro II. Em 1909, Osório Duque Estrada (1870-1927) escreveria a letra definitiva e hoje oficializada

Arquivo da maestrina Chiquinha Gonzaga/Bahia Notícias

Francisco Manuel da Silva, autor da música do Hino Nacional

"Brazilian Grand March", composta pelo pianista norte americano Henry Maylath em homenagem a D. Pedro II em sua visita aos Estados Unidos em 1876, baseada no hino de Francisco Manuel da Silva

estava decidida quando se realizou o concurso, que assim mesmo prosseguiu, tendo como objetivo a escolha do Hino da Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, para figurar ao lado do nacional. Finalmente, a decisão foi confirmada no dia 20 de janeiro de 1890, por meio do decreto n. 171, que oficializou os dois hinos: o de Francisco Manuel da Silva, como Hino Nacional Brasileiro, e o de Leopoldo Miguez, vitorioso do concurso, como Hino da Proclamação da República.

O hino teria sido composto por Francisco Manuel da Silva por ocasião da Abdicação de Pedro I, a 7 de abril de 1831. Os jornais do Rio de Janeiro atestam a sua execução no Teatro São Pedro de Alcântara (depois denominado Constitucional Fluminense) na noite de 14 de abril de 1831 e na noite de 3 de maio do mesmo ano, na abertura das Câmaras Legislativas. Outras notícias confirmam também a execução do hino nos dias 7 de abril de 1832 e de 1833, em solenidades promovidas pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Um anúncio do *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), de 9 de abril de 1932, oferece à venda a partitura do hino para canto e piano. Nessa época, o hino de Francisco Manuel da Silva era conhecido como Hino ao 7 de Abril, sendo cantado com a letra do desembargador Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, como atesta uma partitura manuscrita de próprio punho do compositor, reproduzida em *fac-símile* no livro do crítico musical Amarylio de Albuquerque (*A história do Hino Nacional Brasileiro*, 1944). Uma estrofe dessa letra revela a sua fidelidade monárquica: 'Uma prudente regência/Um Monarca Brasileiro/Nos prometem venturoso/O Porvir mais lisonjeiro".

Compositor dedicado ao letramento musical do País

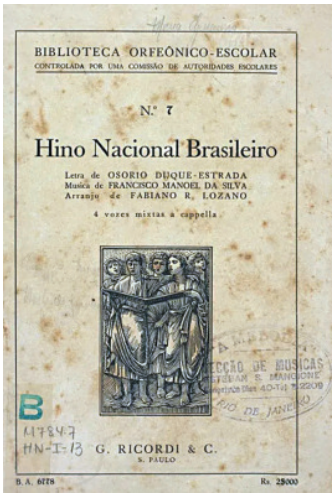
Guilherme de Melo afirma que o Hino Nacional Brasileiro possuía diversas letras, entre elas uma dedicada à Coroação de D. Pedro II, que era uma das mais cantadas. Isto fez surgir a confusão de que fora composto em 1841 para a solenidade da Coroação, No entanto, para essa ocasião Francisco Manuel da Silva compôs outro hino, cuja partitura integra o acervo da Biblioteca Nacional.

O compositor do Hino Nacional nasceu no Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1795. Estudou música na Escola Gratuita, fundada por incentivo de D. João VI. Atuou na Capela Real desde 1809, primeiro como cantor e depois como violoncelista. Francisco Manuel foi responsável pela fundação do Conservatório de Música, a primeira instituição permanente de ensino musical no Brasil, que em 1855 passou a ser uma seção da Academia de Belas Artes. Ele também participou da fundação da Academia de Música e Ópera Nacional, em 1857.

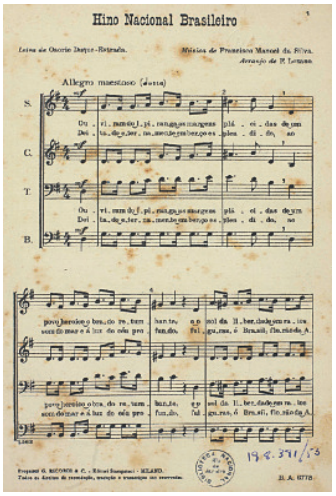
A sua carreira ficou marcada pelo empenho que dedicou no letramento musical do País durante o século 19, tendo composto músicas de salão, peças para canto e piano, obras sacras, além dos hinos em homenagem à aclamação de D. João VI, em 1817, e o "Hino ao Sete de Abril", executado em 1831, que, mais tarde, seria oficializado como Hino Nacional Brasileiro. Alguns autores atribuem a Francisco Manuel da Silva o primeiro compêndio teórico sobre música impresso no País, intitulado *Arte da música para uso da mocidade brasileira por um seu patrício,* publicada em 1823 (Rio de Janeiro, Tipografia de Silva Porto & C.ª.). Outras obras suas seriam *Compêndio de música prática destinada aos amadores e artistas brasileiros* (1832), *Compêndio de princípios elementares de música para o uso do Conservatório do Rio de Janeiro* (1848), *Compêndio de música para o uso dos alunos do Imperial Colégio D. Pedro II* e *Lições elementares de solfejo*.

O historiador Luís Roberto de Francisco, no seu livro sobre Elias Álvares Lobo (*Elias Álvares Lobo: um momento na música brasileira*, 2001), conta que o compositor ituano aprimorou estudos de composição, análise de obras e novas concepções estilísticas com Francisco Manuel da Silva, e que o compositor do Hino Nacional foi contemporâneo de músicos célebres como José Maurício Nunes Garcia, Marcos Portugal e Sigismund von Neukomm, discípulo de predileto de Haydn, professor de música de D. Pedro e mestre da imperatriz Leopoldina.

Domínio Público/Acervo Biblioteca Nacional



Letra e música do Hino Nacional Brasileiro publicado para a Biblioteca Orfeônica Nacional pela casa G. Ricordi & Cia., famosa editora de música e ópera principalmente clássica (capa)



Letra e música do Hino Nacional Brasileiro publicado para a Biblioteca Orfeônica Nacional pela casa G. Ricordi & Cia.(pimeira parte da partitura)

Oitenta anos depois da música surgiu a letra

Francisco Manuel da Silva faleceu em 1863, reconhecido como compositor de destaque no Rio de Janeiro. O seu hino permaneceu, oficialmente, sem letra, sendo executado apenas instrumentalmente. Contudo, nada impedia que continuasse a ser cantado com as letras do Império. A ausência de letra e da uniformização na execução da música levaram o compositor Alberto Nepomuceno, na qualidade de diretor do Instituto Nacional de Música, a propor em 1906 ao Presidente da República, Afonso Pena, uma reforma do Hino Nacional Brasileiro.

Obedecendo o modelo proposto por Nepomuceno, em 1909 apareceu uma letra escrita por Joaquim Osório Duque-Estrada. Em concerto dirigido por Nepomuceno em Bruxelas, Bélgica, no âmbito da Exposição Universal de 1910, o Hino Nacional foi cantado pelo tenor Dufriche "com os versos do senhor Osório Duque Estrada", noticiou a imprensa da época. No Brasil, o Hino Nacional com essa letra seria cantado pela primeira vez no dia 1º de novembro de 1910 pela voz da atriz Plácida dos Santos, no grande festival que ocorreu no Cabaret Concert. Em dezembro do mesmo ano foi discutido na Câmara dos Deputados o projeto que fixava as despesas do Ministério da Justiça e Negócios Interio-

Livro Flora de Maio, de Osório Duque Estrada, Editora H. Garnier, 1902

Osório Duque Estrada

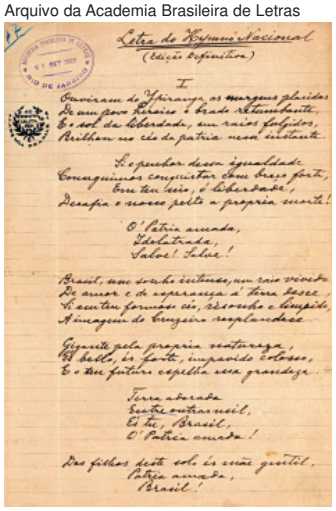
Tela a óleo de José Correia de Lima, 1850/Museu Nacional de Belas Artes

Francisco Manuel da Silva ditando a melodia da Marcha Triunfal

MARCENARIA SANTA CRUZ®
www.marcenariasantacruz.com.br
Tel. (11) 4023.0256
Rua José de Oliveira nº 206 - Jd. Oliveira - Itu/SP

BOSCH Service Auto Elétrica AVENIDA
Confie em uma empresa credenciada Bosch Service com mais de 59 anos de tradição
Auto Elétrica Completa
Acessórios, Alarmes, Alternadores, Baterias, Bomba de Combustível, Elétrica Geral, Injeção Eletrônica, Sensores de Injeção, Partidas, Socorro Elétrico, Trava Elétrica e Vidro Elétrico
Auto Mecânica Completa
Câmbio, Embreagem, Freios, Mecânica Automotiva, Socorro Mecânico, Suspensão e Troca de Óleo.
Auto Peças
Estoque completo em peças automotivas, desde óleos e fluidos, peças elétricas e mecânicas, acessórios, faróis e iluminação, sensores e toda automotiva de peças de qualidade Bosch.
ANAUGER FAMAC TRAPP
SERVIÇOS EM DESTAQUE
Equipamentos Agrícolas
BOSCH Service Car Service
Avenida Nove de Julho, 358 - Jd. Padre Bento - Itu/SP
www.autoeletricaavenidaitu.com.br
(11) 4023-0023
contato@autoeletricaavenidaitu.com.br

Arquivo da Academia Brasileira de Letras


Letra do Hymno Nacional
(Edição definitiva)

I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

O Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
E a sentir formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
O Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Manuscrito do Hino Nacional, escrito em 1909 pelo poeta Osório Duque Estrada (1870-1927), mas adotado somente em 1922. Já a música é mais antiga, composta por Francisco Manuel da Silva (1795-1865) em 1831

Memória Feminiza Antirracista

Plácida Santos, a primeira cantora a cantar em público no Brasil o Hino Nacional com os versos de Osório Duque Estrada. Cantora e atriz aclamada nos palcos brasileiros e franceses na virada do século 19 para o 20, ela foi pioneira na apresentação do maxixe, lundus e modinhas na Europa, onde esteve em turnê a partir de 1889

Arquivo Nacional

Inauguração da Era do Rádio, a 7 de setembro de 1922, com discurso do Presidente Epitácio Pessoa, música clássica, acordes da Ópera O Guarani e o ressurgimento do Hino Nacional cantado com a letra de Osório Duque Estrada

res, e entre as previsões de gastos havia a emenda que autorizava a adoção da letra oficial do Hino Nacional de Osório Duque-Estrada, concedendo a ele um prêmio de cinco contos de réis. Não há informações nos anais da Câmara daquela época se houve realmente esse pagamento.

Joaquim Osório Duque-Estrada nasceu em 29 de abril de 1870 em Paty do Alferes (na época distrito de Vassouras) e faleceu em 1927 na cidade do Rio de Janeiro. Fez seus estudos em diversos colégios da Corte e foi interno do Imperial Colégio Pedro II, onde bacharelou-se em letras. Abolicionista, republicano, político, poeta, conferencista, professor, escritor e crítico literário foi duramente criticado por aqueles que não entendiam seus critérios literários ou não estavam de acordo com seus princípios. Os versos de Osório Duque-Estrada suscitaram acalorados e longos debates, tanto na Câmara dos Deputados quanto na imprensa. Finalmente, o decreto n. 4.559 de 21 de agosto de 1922 autorizou o Poder Executivo a adquirir pela importância de cinco contos de réis (5:000$000) "a plena e definitiva letra do Hino Nacional", e o decreto n. 15.671 de 6 de setembro de 1922, véspera das comemorações do centenário da Independência, declarou como oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro de Osório Duque-Estrada. A título de comparação, cabe informar que no dia seguinte, o decreto n. 15.674 estabeleceu a importância de 500 mil réis (500$000) como salário mensal de um administrador da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Fato curioso é que Francisco Manuel da Silva e Joaquim Osório Duque-Estrada não se conheceram pessoalmente. Viveram em períodos diferentes, tendo Duque-Estrada nascido cinco anos após a morte de Francisco Manuel da Silva. ■

Jonas Soares de Souza

COLÉGIO Divino Salvador ITU 25 ANOS

APROVADOS 2025!

DO ENSINO MÉDIO DIRETO PARA A UNIVERSIDADE

ANA CLARA MACHADO DE CARVALHO - PUCCAMP - PSICOLOGIA
ANNA BEATRIZ DOMINGUES DE OLIVEIRA - UFU / UNESP / PUCCAMP - PSICOLOGIA
ANNA CAROLINA BORGES RIBEIRO - USP / UFSCAR - ENFERMAGEM
ANNA CAROLINA FRANCO DE AZEVEDO SERRA - PUCCAMP / UNIMAX / UNIFAJ / UNISA / UNISO - VETERINÁRIA
BEATRIZ COELHO MENDES FEITOSA MARINHO - UNIFIO - BIOMEDICINA
CLARA GABRIELA DE CASTRO NEVES LEITE - ENGENHARIA AEROESPACIAL - RUTGERS UNIVERSISTY / NEW BRUNSWICK / THE UNIVERSITY OF OKLAHOMA / UNIVERSITY OF KANSAS / ILLINOIS INSTITUTE OF TECHNOLOGY / EMBRY-RIDDLE AERONAUTICAL UNIVERSIT / MISSOURI UNIVERSITY OF SCIENCE AND TECHNOLOGY / WEST VIRGINIA UNIVERSITY / ENGENHARIA MECANICA - OHIO UNIVERSITY / TEXAS TECH UNIVERSITY - GESTÃO EMPRESARIAL - THE UNIVERSITY OF ARIZONA. ENGENHARIA - ORAL ROBERTS UNIVERSITY.
EDUARDO DESIO ROMANO - PUCCAMP / MACKENZIE / PUC/SP - ADMINISTRAÇÃO
ENRICO SCARAVELLI STEPHANI - PUCCAMP - CIÊNCIAS ECONÔMICAS
ENZO LANZELOTTI FONTES - FACENS - ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO
FABRICIO PASSARELLI FORTUNATO - IBMEC - ECONOMIA
FILLIPE GONGORA B. BEREZOVSKY - UFU - GEOGRAFIA
FREDERICK BALDASSIN GALVÃO REZENDE - PUCCAMP - RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GIOVANE NUNES MALAGOLA - UFOP - ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO / FACENS - ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO
GIOVANNA SEBENELLI BELON - PUCCAMP / UNIMAX - MEDICINA VETERINÁRIA
IVAN PALOMO TAMAROSSI - PUCAMP / UFES - MEDICINA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
JOÃO PEDRO DA SILVA QUICOLLI - FACENS - ENGENHARIA MECÂNICA
JOÃO PEDRO PERATELLI - SÃO LEOPOLDO MANDIC / UNICID / UNIMAX / ANHEMBI MORUMBI MOOCA / ANHEMBI MORUMBI PIRACICABA ANHEMBI MORUMBI SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - MEDICINA

JONAS RISETE - USP / UNESP ARARAQUARA - CIÊNCIAS ECONÔMICAS
LETICIA MALAGOLA LOPES - FACENS - ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO
LIZ NOGUEIRA ALVES DOS SANTOS - UNESP PRESIDENTE PRUDENTE / UNIFESP SANTOS / PUCCAMP - FISIOTERAPIA
LUCCA GALIZIANI SIQUEIRA - FACENS - ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO
LUIZ HENRIQUE DE MORAES PACHECO - PUCCAMP E FACENS - ENGENHARIA MECÂNICA
MANOELA FANCHINI LOPES BARBOSA - FAAP / NA BELAS ARTES - PUBLICIDADE E PROPAGANDA / PUC/SP - DIREITO
MARIA EDUARDA MARINS ALMEIDA - UNIMAX / ANAHEMBI MORUMBI MOOCA / CEUNSP / UNIP - BIOMEDICINA / FADITU - DIREITO
MARIA EDUARDA NETTO VERAS - CEUNSP / UNISA - MEDICINA
MÁRCIO CORRÊA JUNIOR - FATEC **-** ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS
MATHEUS BONATTI - ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO - FACENS
PIETRO MARSON GRANDI - UFSCAR / PUCAMP - ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO / USP - ENGENHARIA ELÉTRICA / UNESP - ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO
RAFAEL FERNANDES VICENTE - UNIMAX / UNIFAJ / PUCAMP - MEDICINA VETERINÁRIA
ROBSON ROSSETTI FEDELE - CEUNSP - ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS
SARAH MARIA SAMPAIO AMORIM - PUCCAMP - PSICOLOGIA
STELLA BICUDO SCHIFFINI - PUCCAMP / UNISO - PSICOLOGIA

SAS Plataforma de Educação
SALVATORIANOS Província Brasileira

FELIZ DIA DAS Mães

Parabéns pelo seu dia - 11 de maio!

Nossa homenagem a esta
mulher especialista na afetuosa
e generosa "política" do amor:

BERÇÁRIO
E ESCOLA
DE EDUCAÇÃO
INFANTIL

• MANHÃ
• TARDE
• RECREAÇÃO

TURMA DO PINCELITO

turmadopincelito

(11) 4013-3907 | (11) 97535-8272

MODA INFANTIL: CASUAL, FESTA E BATIZADO DO TAMANHO RN AO 16!

Yumy 1 - Rua Sete de Setembro nº 268 - Centro - Itu/SP
(11) 9 1374-2263

Yumy 2 - Rua Floriano Peixoto nº 665 Boulevard Floriano Loja 8 - Itu/SP
(11) 9 5030-1150

Cadatur
www.cadatur.com.br
CERTIFICADO

Av. Parque do Varvito nº 520
Pq. Nossa Sra. da Candelária - Itu/SP

(11) 4022-8699
(11) 97273-1112

Ótica Damazio
Sua visão é a nossa missão!

UNIDADES ITU/SP

Praça Padre Anchieta nº 72 - Centro
E-mail: henrique_damazio@hotmail.com
(11) 97649-4863 | (11) 2715-2693
@oticadamazio

Rua Santa Rita nº 1460 - Centro
E-mail: oticadamazioitu1460@gmail.com
(11) 91281-0108 | (11) 2715-2753
@oticadamazioitu

Agora, também na Rua Floriano Peixoto nº 792 - Centro - Itu/SP

A ÓTICA MAIS RÁPIDA DO MERCADO!

@OTICADAMAZIO

UNIDADE SALTO/SP
Av. Dom Pedro II nº 394 - Centro
E-mail: oticadamaziosalto@gmail.com
(11) 97442-6333 - (11) 4021-0439
@oticadamaziosalto

UNIDADE INDAIATUBA/SP
Rua João Martini nº 2347
Jardim Morada do Sol
(19) 99868-2288
@oticadamazioindaiatuba

COM A PRECISÃO QUE A SUA VISÃO MERECE

Além do Hino Nacional há outros marcantes no Brasil

De canções cívicas a hinos militares, músicas oficiais marcam a história e a identidade do nosso povo

Reprodução/Folha de S. Paulo

Na pintura "Primeiros Sons do Hino da Independência" (1922), Augusto Bracet retrata Dom Pedro I ao piano, ao lado de Evaristo da Veiga, durante a criação do hino em 1822

Os hinos, além de celebrarem momentos históricos, são símbolos que evocam as tradições e lutas do povo. Se por um lado o Hino Nacional continua a ser o mais conhecido de todos os hinos brasileiros, existem outros que também desempenham papéis importantes no País como o Hino da Independência, Hino da Proclamação da República, Hino à Bandeira, Hino dos Aviadores Brasileiros, a Canção do Expedicionário, do Exército, e do Cisne Branco (da Marinha), além dos hinos dos estados e cidades e inclusive religiosos.

Cada um deles tem uma origem distinta e refletem momentos chave na construção do Brasil como nação. O Hino da Independência, de Evaristo Ferreira da Veiga com música de D. Pedro I, por exemplo, foi o primeiro Hino Nacional Brasileiro, inicialmente chamado de Hino Constitucional Brasiliense, e é um símbolo da luta pela liberdade e separação do Brasil de Portugal.

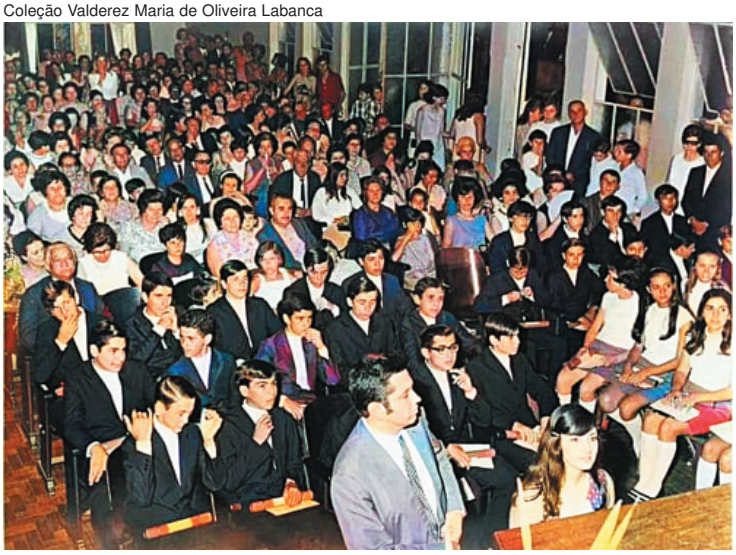
No livro *Compreendendo os Hinos Brasileiros*, Wayne Tobelem dos Santos explica cada verso da canção, destacando os principais significados. Ao analisar o estribilho "Brava gente brasileira! Longe vá temor servil: ou ficar a Pátria livre, ou morrer pelo Brasil", que se repete após cada estrofe, o autor escreve: "O termo brava aqui tem sentido de corajosa, valente. Temor servil significa o medo que as pessoas subservientes, aquelas que servem alguém, sentem. Este temor agora (com a declaração da Independência) está distante. Não podemos mais, diz Evaristo da Veiga, estar sob o domínio português; portanto, corajosos brasileiros, que desapareça o medo existente naqueles que são dominados, visto que a partir de agora somos livres e, para mantermos essa liberdade, nós estamos dispostos a morrer".

O Hino da Proclamação da República com letra de José Joaquim Medeiros e Albuquerque e música de Leopoldo Miguez, por sua vez, representa a transição do Brasil de uma monarquia para uma república. Já o Hino à Bandeira, de Olavo Bilac, com música de Antônio Francisco Braga, retrata o que a bandeira representa para a nação brasileira. O Hino do Exército e o Cisne Branco são ligados às Forças Armadas e à construção de um sentimento patriótico entre os militares e a população.

O ensino dos hinos no passado

O canto orfeônico, prática de canto coletivo amador, voltado à disciplina, civismo e valores morais, foi uma importante ferramenta educacional no Brasil. Durante

Coleção Valderez Maria de Oliveira Labanca



Valderez tocando piano acompanhada do irmão (primeiro plano), o maestro professor Agostinho Pereira de Oliveira, durante apresentação no salão nobre do Instituto de Educação Regente Feijó

Tucano

Célia Trettel foi aluna da professora Valderez (à dir.) e, hoje, é a maestrina da Orquestra Ituana de Viola Caipira

Acervo Arquivo Nacional

O então presidente Getúlio Vargas pronunciando discurso na Hora do Brasil

muitos anos, os hinos eram ensinados nas escolas com o intuito de cultivar um forte senso de patriotismo, como relata a professora saltense Valderez Maria de Oliveira Labanca, ex-aluna e ex-professora da E.E. Regente Feijó, filha do maestro e professor Silvestre Pereira de Oliveira. "O hino é uma das mais antigas formas de manifestação musical. Antigamente o ensino do canto do Hino Nacional era mais assíduo e mais respeitado. As crianças demonstravam verdadeira adoração ao cantar o hino, era uma parte importantíssima da educação, tanto que era cantado diariamente e com entusiasmo e patriotismo", afirma.

A professora também lembra que, quando lecionava, nos anos de 1970, além do Hino Nacional, outros hinos como o Hino à Bandeira, o Hino da Proclamação da República e o Hino da Independência eram frequentemente cantados nas escolas. "Uma curiosidade é que havia até avaliação oral dos hinos, dada a importância que tinham", conta ela. Segundo Valderez, esse tipo de prática estimulava o entendimento sobre os hinos e a história por trás de cada um, diferentemente do que acontece hoje, lamentavelmente. Com o tempo, essa prática foi se perdendo, o que, de acordo com a professora, foi um grande erro, porque a música, além de ser uma ferramenta de ensino que ajuda no processo de aprendizagem, desenvolve o sentimento afetivo das crianças.

A pedagoga e psicopedagoga aposentada, escritora, cronista, historiadora e membro da Academia Ituana de Letras (Acadil) Vilma Pavão Folino também compartilha suas lembranças sobre como os hinos estavam presentes em sua vida desde a infância, especialmente por meio do rádio. Segundo ela, a abertura com a ópera O Guarani, composição de Carlos Gomes, usada na vinheta de início e encerramento do programa A Voz do Brasil, era um dos momentos mais marcantes daquela rotina sonora. Ela também recorda que, no decorrer

Fotos: Coleção Vilma Pavão Folino

Apresentação do coral da Escola Normal Madre Clelia, em Adamantina/SP, onde Vilma estudou. Na foto, ela aparece na terceira fileira, contando de cima para baixo, sendo a segunda da esquerda para a direita

do programa, outros hinos eram executados conforme os temas abordados. "Quando iam falar do exército tocava o Hino do Exército, quando iam falar da marinha entrava o Cisne Branco", cita. O Guarani servia até como uma espécie de marcador do tempo. Quando era tocado no rádio, ela sabia que era hora de voltar para a casa após passar a tarde brincando. De acordo com Vilma, dava para ouvir todos os rádios ligados no mesmo programa e, para ela, a vinheta final funcionava como um relógio.

Lançado em 22 de julho de 1935, durante o governo de Getúlio Vargas (PTB), A Voz do Brasil, na ocasião, batizado como Programa Nacional, é o mais antigo programa do País e inclusive da América do Sul. Em 1938, passou a se chamar Hora do Brasil e, em 1962, recebeu o nome de A Voz do Brasil. Esse noticiário radiofônico, com informações do poder executivo federal, produzido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), é obrigatório ser levado ao ar pelas emissoras de rádio do Brasil, de segunda a sexta-feira (exceto feriados), à noite.

Na escola, os hinos continuavam presentes. Segundo Vilma, os próprios cadernos usados pelos alunos, feitos em brochura, traziam nas contracapas, em ambas as faces, letras de hinos, o que reforçava o contato constante com esse repertório musical cívico. O canto era realizado todos os dias, logo na chegada à escola.

Já no ginásio, Vilma teve aulas de música e iniciação musical, além do canto orfeônico. Nessas classes, era comum cantar não apenas os hinos oficiais, mas também músicas religiosas, folclóricas, canções infantis e outras composições nacionais. Como estudava em um colégio de freiras, o repertório era variado e estruturado em vozes, com divisões como soprano e mezzo-soprano. Quando recebiam visitas na escola apresentavam as músicas ensaiadas previamente.

Para a psicopedagoga aposentada, o abandono dessas atividades musicais nas escolas trouxeram consequências preocupantes e lastimáveis. Ela observa que muitas pessoas, hoje, sequer conhecem o Hino Nacional, o que considera algo "estarrecedor". Em sua visão, é fundamental preservar o cancioneiro brasileiro como um todo e não somente os hinos.

Músicos e compositores ilustres

O maestro professor saltense Silvestre Pereira de Oliveira (1906 – 1995), Vete para os mais próximos, foi maestro de diversas instituições musicais, inclusive da Corporação Musical União dos Artistas (de 1926 a 1928 e de 1931 a 1933) e da Corporação Musical Infanto-Juvenil São Pedro de Itu (de 1978 a 1979), que contou com a ajuda do filho Agostinho Pereira de Oliveira para fundar o grupo e recrutar adolescentes, meninos e meninas (novidade naquela época) para participarem.

Integrantes do coral da escola se apresentando na festa de uma amiga. Segundo Vilma (segunda da esquerda para a direita), o acompanhamento era decidido na hora – violão ou piano – dependendo da música

Compositor desde criança, sua primeira música foi "Ordem e Progresso", além de ter escrito muitas outras como "Itu, Berço da República" (executado por diversas vezes no programa "Onde canta o sabiá", na Rádio Bandeirantes), "Quartel em Festa" e "Canção do 2º Grupo de Artilharia – Quartel de Itu".

Seu filho, Agostinho Pereira de Oliveira (1941 – 1994), batizado com o nome do santo que o pai venerava, nasceu em Itu e, assim como Silvestre, revelou desde cedo o talento herdado dos antepassados — uma linhagem de músicos, compositores, maestros e arranjadores. Ainda criança, com apenas seis ou sete anos, Agostinho já participava da Corporação Musical Saltense. Ganhou notoriedade em Itu quando, aos oito ou nove anos, fazia ecoar o som do imponente órgão da Matriz de Nossa Senhora Candelária, encantando a comunidade com sua precocidade e sensibilidade musical.

Em Salto/SP, fundou o Coral e Orquestra Brasil 66, grupo no qual atuava ao lado da irmã e pianista Valderez Maria de Oliveira Labanca. Com ela, também lecionou no Instituto Regente Feijó. Para o Jubileu de Ouro da Escola Sagrada Família "Coleginho", em Salto, Agostinho compôs a missa "Sagrada Família", apresentada com coro e orquestra, além de ter criado o hino do colégio, com letras do ex-deputado estadual saltense Arquimedes Lammoglia (Arena).

O legado musical de pai para filho atravessou gerações, marcando de forma indelével a história cultural de Itu e Salto, onde suas obras e ensinamentos ainda ecoam nos corações de quem teve o privilégio de ouvi-los ou aprender com eles. ■

Beatriz Pires

Fotos: Coleção Alexandre Oliveira

Da esq. para dir. a assistente administrativa da SoftGreen, Maria Luisa Oliveira, o CEO da empresa, Alexandre Oliveira, Xin, do jornal People's Daily China Berlin e Gabriela Santos da Silva, líder do projeto Brasil IT+

INFORME PUBLICITÁRIO

EMPRESA ITUANA PARTICIPOU DE FEIRA NA ALEMANHA

SoftGreen esteve presente na Hannover Messe 2025, maior feira do ramo industrial do mundo

A empresa SoftGreen, fundada no ano de 2011, em Itu/SP, expôs sua tecnologia na Hannover Messe 2025, maior feira do ramo industrial do mundo, realizada na cidade de Hannover, na Alemanha, entre 31 de março e 4 de abril de 2025. Segundo Alexandre Oliveira, CEO da empresa, o evento permitiu diversos *insights* para melhoria do produto, parcerias estratégicas e muitas prospecções de novos negócios.

Foram duas semanas em que ele esteve no país europeu, sendo que na primeira ocorreu a participação na feira em Hannover. "Consolidamos parcerias importantes com empresas do México e Indonésia, estamos promovendo nossa tecnologia para o mundo, essa com origem em Itu, ou seja, Itu para o mundo", afirma o CEO.

A SoftGreen integrou a delegação Brasil IT+, programa de internacionalização desenvolvido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) para visibilidade internacional de empresas nacionais, projeto empreendedor em parceria com a Softex (entidade de fomento para que empresas de *software* sejam exportadoras).

Alexandre explica que a tecnologia desenvolvida pela SoftGreen tem como objetivo aumentar a eficiência das indústrias por meio de um *software*, permitindo apontamentos de produção em tempo real e monitoramento de máquinas, incluindo a busca na redução da pegada de carbono (quantidade total de gases de efeito estufa emitidos pelas atividades) e conforto ambiental para os operadores.

Na segunda semana, Alexandre visitou alguns centros de pesquisa em Berlim, capital da Alemanha, como o Technologiepark Adlershof, maior e mais moderno parque científico e tecnológico daquele país; Berlin Partner für Wirtschaft und Technologie, organização que apoia empresas no seu desenvolvimento, relocalização e internacionalização além de ser um centro científico; e o Fraunhofer Institute for Production Systems and Design Technology, instituição de pesquisa e desenvolvimento na área de tecnologia de produção industrial do que há de mais moderno em toda a Europa nessa área.

Logo da SoftGreen entre as empresas da delegação do programa de internacionalização Brasil IT+

Da esq. para dir. Tiago Borsoi Klein (professor na Berliner Hochschule für Technik), Jardel Wolkers (pesquisador da Fundação CERTI, de Santa Catarina) e Alexandre Oliveira durante a feira

Símbolos Nacionais e a identidade da nação

Instrumentos que visualizam valores e conteúdos de autodefinição política da nação

Os símbolos nacionais são manifestações gráficas e musicais que representam o País, dentro e fora do território nacional. Dia 18 de setembro é a data dedicada a homenagear todos os símbolos nacionais do Brasil: o Hino Nacional, a Bandeira Nacional, as Armas Nacionais e o Selo Nacional. Eles foram estabelecidos e regulamentados pela Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, que determina todas as suas especificações, como dimensões, padrões, cores e representações.

Os símbolos nacionais revelaram-se necessários desde a constituição dos Estados-nação no último quartel do século 18, afirma o sociólogo Joseph Jurt, estudioso de temas sobre o simbólico e a formação das identidades nacionais e professor emérito da Universidade de Freiburg (Alemanha). A partir dessa época, os Estados nação não mais se definiram por meio de uma dinastia e foram forçados a criar um sentimento de pertencimento, servindo-se de vários instrumentos com essa finalidade. Entre os instrumentos, aos símbolos nacionais coube uma função central, uma vez que visualizam de modo marcante os valores e os conteúdos da autodefinição política de uma nação e por meio deles os cidadãos conhecem e reconhecem a sua identidade política. Com símbolos onipresentes e facilmente identificáveis "formam-se as almas", na expressão do historiador José Murilo de Carvalho, autor do clássico *A Formação das Almas*, livro no qual interpreta símbolos, imagens, alegorias e mitos da época da transição do Brasil do Império para a República.

LOC/ Library of Congress - USA

Norte americano, compositor e virtuoso do piano Louis Moreau Gottschalk, 1829-1869, autor da Marcha solene brasileira, fantasia sobre o Hino Nacional

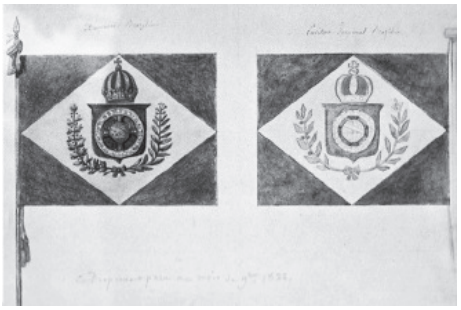
Hino Nacional, melodia contagiante

Oficializado como Símbolo Nacional há 135 anos, o Hino Nacional, uma marcha patriótica composta há 200 anos ao estilo do romantismo italiano, conheceu grande popularidade no Império e foi tocado por ocasião de acontecimentos solenes. Entre outros títulos, conhecida simplesmente como Marcha triunfal, a sua melodia contagiante permaneceu popular para além do regime imperial e o seu autor, Francisco Manuel da Silva, tornou-se o compositor de maior destaque no ambiente musical do Rio de Janeiro (ver matéria sobre o Hino Nacional nas páginas números 20-23 nesta edição).

Além da consagração popular, a sua música também foi ainda referendada nos meios eruditos pela fantasia que sobre ela elaborou o compositor e virtuoso do piano norte-americano Louis Moreau Gottschalk (1829-1869). O pianista de Nova Orleans chegou ao Rio em maio de 1869, sendo recebido com honras pelo imperador Pedro II. Suas apresentações sacudiram a Corte. Em todos os concertos, ele executava a fantasia de sua autoria sobre o Hino Brasileiro, para delírio da plateia.

Para melhor entender a euforia do públi-

Domínio Público



Projeto de Jean Baptiste Debret para a bandeira do Império

Eduardo Prado, A bandeira Nacional, 1903

As armas do Império

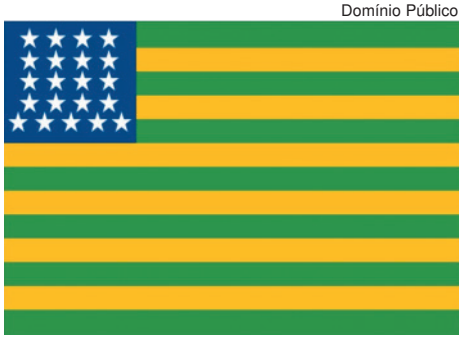
co, José Murilo de Carvalho lembra que a guerra contra o Paraguai estava em seu último ano. O espírito patriótico se achava particularmente excitado. No seu livro, José Murilo conta que Gottschalk planejou um concerto gigantesco com 650 músicos, nove bandas da Guarda Nacional, quatro da Marinha, duas do Exército e uma de professores de música. Eram 55 cordas, 65 clarinetes, 60 trompetes, 60 trombones, 55 saxhorns, 50 tubas, 11 picolos e outros instrumentos. A cidade jamais vira algo igual. "Sou uma pilha voltaica sinfônica; uma máquina a vapor que virou homem... meu coração é um vulcão, minha cabeça um caos!", escreveu Gottschalk a amigos.

A estreia se deu em 24 de novembro. A apoteose do evento foi a execução da Marcha Triunfal brasileira, fantasia sobre o Hino Nacional, acompanhada de uma salva de canhão nos bastidores. Pouco tempo depois, vítima de malária, a 18 de dezembro de 1869 Gottschalk morria no Rio de Janeiro aos quarenta anos de idade. "Foi um meteoro musical que cruzou o Rio, deixando no rastro, entre outras lembranças, a consagração erudita do Hino de Francisco Manuel da Silva", escreveu José Murilo de Carvalho.

Símbolos positivistas

A República proclamada pelos republicanos devia exprimir sua legitimidade por meio de símbolos. Na tentativa de conquistar o apoio da população até então alheia a troca de regime, os republicanos esforçaram-se para criar e difundir as marcas da República, e apagar vestígios do Império. Além do hino, outro símbolo oficial essencial foi a bandeira. Nesse contexto, houve uma "guerra de símbolos", como relata José

Domínio Público



Bandeira da Proclamação que ficou hasteada de 15 a 19 de novembro de 1889

Murilo de Carvalho, uma luta pela interpretação e pelo programa que se pretendia conferir à República proclamada. Uma nova bandeira dos Estados Unidos do Brasil, versão verde e amarela do *Stars and Stripes* norte-americano, com 21 estrelas sobre um quadrado (chamada Bandeira da Proclamação") permanece hasteada do dia 15 até 19 de novembro de 1889 no mastro de um edifício da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Os positivistas não aprovaram e encarregaram o pintor Décio Villares de desenhar um modelo alternativo a ser proposto, por intermédio de seu mestre Benjamin Constant, ao Governo Provisório. Na nova proposta de bandeira, realizada de acordo com as indicações do positivista Raimundo Teixeira Mendes, mantinha-se o fundo verde, o losango amarelo e a esfera azul no centro para significar a transição entre o passado e o presente, mas suprimiu-se o que

Fotos: Museu de Arte da Bahia

Alegoria da República, de Manoel Lopes Rodrigues, Óleo sobre tela, 1896. A República, figurada por uma mulher quase hierática sentada sobre um trono que representava a estabilidade e a segurança, vestida de branco (remetendo à paz), apoiando-se sobre uma espada, pronta para dela servir-se em caso de necessidade. O barrete frígio é envolto por uma coroa de ramos de café. Obra encomendada em 1895 pelo Presidente da República, o ituano Prudente de Morais

Um pintor anônimo da Bahia representou em 1889 a partida da família imperial pela manhã. Em primeiro plano, percebe-se o marechal Deodoro da Fonseca, que entrega a Bandeira Nacional a uma alegoria da República, trajada com um vestido branco e uma capa vermelha, sobre a qual a mão da Providência segura o barrete frígio (branco e não vermelho), enquanto a família imperial embarca em um navio

lembrava a dinastia reinante: a esfera armilar, que traduzia o império colonial português; a Cruz da Ordem de Cristo, que traduzia a união da Igreja e do Estado; os ramos de café e tabaco, símbolos da riqueza agrícola do Império, pois o progresso não estaria mais nas plantações de café e de tabaco, e sim na indústria e na exploração dos recursos naturais; e a Coroa Imperial, símbolo da Monarquia.

A batalha da bandeira

No lugar dos símbolos monárquicos foi proposta uma esfera azul celeste coberta de estrelas e envolta por uma faixa com o lema (positivista) "Ordem e Progresso". As estrelas não foram dispostas seguindo uma ordem simétrica, como na bandeira dos Estados Unidos, mas representam exatamente a disposição das principais estrelas no céu do Rio Janeiro às 8h30 da manhã do dia 15 de novembro de 1889, o dia da Proclamação da República. Algumas estrelas foram aumentadas, outras reduzidas, e realçado o

Fotos: Domínio Público

Bandeira Nacional em 1889

Bandeira Nacional atualizada em 1991

Que os Símbolos Nacionais continuem a despertar o espírito de brasilidade e civismo em cada cidadão brasileiro.

HOMENAGEM:

SANTA RITA
TÊXTIL

TRADIÇÃO É A CERTEZA DE QUE CADA FIO CONTA UMA HISTÓRIA DE QUALIDADE E DEDICAÇÃO.

textilsantarita.com.br (11) 97652-8434

Rua Manuel Silveira Camargo nº 192 - Jd. Santana - Itu/SP

(11) 2429-5015
(11) 94440-0259
wlautomoveis@gmail.com
www.wlautomoveis.com.br

WL AUTOMÓVEIS
WAINE LEIS

COMPRA | VENDA
TROCA | CONSIGNAÇÃO

FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS

Rua José Bruni nº 668 - Itu Novo Centro - Itu/SP

T.S.C.
TERRAPLENAGEM

COM O MENOR PREÇO DA REGIÃO!

COMPRAMOS SUCATA

geraldoterraplenagem@hotmail.com
tscterraplenagem

Rua Paolo Giacomin nº 169 - Parque das Indústrias - Itu/SP
(11) 94788-3775 | (11) 99636-8682

Cruzeiro do Sul, que havia servido aos portugueses e espanhóis, desde as primeiras grandes expedições, como ponto de orientação nos mares do hemisfério sul. A única estrela acima do lema Ordem e Progresso representa o Pará, que na época era o Estado com a capital mais ao norte do País.

A bandeira foi oficializada a 19 de novembro de 1889, apenas quatro dias após a proclamação do novo regime. A oposição à nova bandeira foi imediata. Entre vários opositores, o monarquista convicto Eduardo Prado (Eduardo Paulo da Silva Prado, 1860 -1901), inimigo irreconciliável do novo regime, que escreveu o livro *A Bandeira Nacional (1903)*, no qual diz: Um simples exame da bandeira e uma leitura da Apreciação Filosófica mostraram-nos que, no plano da bandeira aplaudido pelo sr. Teixeira Mendes, houve certamente: 1 - Desprezo, ou ignorância da tradição histórica, 2 = Erro capital de astronomia, 3 - Grave menoscabo da estética. "Não fazemos parte da força pública de nossa Pátria, a quem o sr. Teixeira Mendes atribuíra o privilégio do amor à bandeira nacional. Não são do exército nem da armada perto de quatorze milhões dos nossos compatriotas. Nós, porém, como todos os brasileiros, temos pela insígnia gloriosa de nossa nacionalidade o mais ardente amor".

Eduardo Prado, A Bandeira Nacional, 1903

Armas do Governo Provisório

Domínio Público

Armas Nacionais

Desenho de José Wasth Rodrigues

VII– Sello Official

Selo Oficial da República

As Armas e o Selo

Os positivistas se manifestaram a propósito de quase todas as criações simbólicas que diziam respeito à República do Brasil: a bandeira, o lema, o brasão, a tentativa de criação de uma alegoria da República, o mito de Tiradentes, e se engajaram amplamente no processo de criação dos símbolos, procurando ganhar por meio destas formas visuais — ou sonoras — uma população que, em sua maioria, era analfabeta.

As Armas, ou Brasão Nacional, criadas na mesma data da Bandeira Nacional, representam glória, honra e nobreza do Brasil. Foram desenhadas pelo engenheiro João Pedro Francisco Arthur Sauer (nascido Johann Peter Franz Arthur Sauer, 1840 – 1920), alemão naturalizado brasileiro, sócio e editor-chefe da Laemmert & Companhia, casa editora do famoso Almanaque Laemmert.

As Armas são formadas por um escudo circular sobre uma estrela verde e amarela de cinco pontas. Em seu centro, há a representação do Cruzeiro do Sul com uma espada. Nas laterais, um ramo de café, à esquerda, e um de fumo, à direita. A data que aparece nas Armas é a da proclamação da República. O uso do símbolo é obrigatório nos edifícios dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e pelas Forças Armadas. Também estão presentes em todos os prédios públicos, representando as características que compõem a República Federativa.

O Selo Nacional, também criado em novembro de 1889, é baseado na esfera da Bandeira Nacional, representado por um círculo tendo em volta as palavras "República Federativa do Brasil". O Selo Nacional é usado para autenticar atos de governo, diplomas e certificados expedidos por escolas oficiais ou reconhecidas. ■

Jonas Soares de Souza

Divulgação/Sulinfoco

Ao compreender o verdadeiro significado das palavras, o Hino Nacional torna-se mais emocionante

Significado das palavras do Hino do Brasil

O poeta Joaquim Osório Duque-Estrada (1870 – 1927) compôs a letra do Hino Nacional na primeira década do século 20, época em que era frequente o uso de palavras mais elaboradas. Uma boa parte desse vocabulário não é mais utilizado e é comum que algumas pessoas apresentam certa dificuldade ao cantar, pois vão pela sonoridade das palavras e não pela pronúncia correta, e, muitas vezes, não compreendem o verdadeiro significado de cada uma delas.

Nosso Hino Nacional faz referências a passagens da história e às lutas que o País enfrentou e ajudou a criar a identidade do Brasil. Algumas palavras consideradas "difíceis" e que muitas pessoas podem não saber o que significam: "Ipiranga": riacho onde às margens D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil no dia 7 de setembro de 1822; "plácidas": calmas; "brado retumbante": grito forte, que causa eco; "raios fúlgidos": raios brilhantes; "penhor": garantia, na frase do hino significa que a igualdade e a liberdade do País foram conquistadas com esforço; "impávido colosso": colosso/gigante destemido, que não sofre abalo; "fulguras, ó Brasil, florão da América": brilhas, ó Brasil, como a grande flor da América; "lábaro" e "flâmula": bandeira; "verde-louro": cores verde e amarela da bandeira; "clava forte": arma antiga, porrete; força da justiça; "espelha": reflete; "límpido" : puro, claro, transparente, que não está poluído; "garrida": que tem elegância, graça, muitos adornos, enfeites, alegre, animado e que atrai atenções; "berço esplêndido": metáfora, a qual faz alusão à localização privilegiada do País e as suas riquezas naturais. ***J.S.S***

11 DE MAIO

Feliz Dia das Mães

Homenagem a todas as mães:

MoV

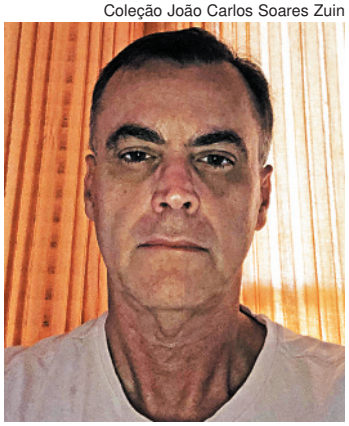
www.movitu.com.br | Para informações, rotas e horários • ligue (11) 4813-8850

O uso político dos Símbolos Nacionais

Bandeira, Hino Nacional e até a camisa da Seleção Brasileira são usados na disputa ideológica

Nos últimos anos, o Brasil vem registrando uma grande polarização política, com partidos de direita e esquerda disputando a preferência do eleitorado em meio a uma onda de desinformação, o advento das redes sociais e a radicalização do discurso público. Isso faz com que os símbolos nacionais como a bandeira, o hino e até a camisa da Seleção Brasileira de futebol, passem a ser alvos de disputa ideológica.

Coleção João Carlos Soares Zuin



O educador João Carlos Soares Zuin afirma que valores nacionais sempre estarão vinculados com valores, ideias e ideologias provenientes das forças políticas

Reprodução

O historiador e escritor Carlos Cavalheiro acredita que vai levar algum tempo para que os símbolos nacionais voltem a ser somente elementos de formação de identidade nacional

João Carlos Soares Zuin, professor doutor mestre em Sociologia e Doutorado em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Unicamp (Universidade de Campinas) e docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Araraquara/SP, recorda que a construção de símbolos nacionais ocorreu no curso da era moderna e da modernidade e que a construção social da nação foi (e ainda é) essencialmente política. "Os símbolos da nação expressam uma entidade soberana que controla e determina o sentido da ordem social no território, as fronteiras que demarcam as particularidades existentes em um povo e o sentido da história. Os símbolos nacionais representam a complexa construção política de uma nação: a língua, o sistema político e jurídico, a moral, os valores que orientam a opinião pública".

Segundo ele, a apropriação partidária de símbolos nacionais está vinculada com as batalhas culturais e políticas na disputa do poder e da hegemonia para determinar o "sentido da ordem social e da história". "O uso de camisetas de futebol é um processo muito recente e está vinculado com a sociedade do espetáculo e as grandes transformações que ocorreram na economia e política nas últimas três, quatro décadas, entre elas, o fim dos grandes partidos políticos, a despolitização de massa, a transformação da política em um teatro midiático", reflete.

Para Carlos Carvalho Cavalheiro, professor, historiador e escritor, doutorando em Educação pela UNISO (Universidade de Sorocaba/SP), o símbolo, seja ele qual for, transmite uma ideia e fornece uma identidade. "Grupos políticos com a intenção de ampliar o número de adeptos costumam se utilizar de símbolos mais amplos, aumentando assim o alcance de interessados na sua ideologia. Desse modo, a direita, por exemplo, deixa de ser um discurso partidário e abarca um falso sentimento de patriotismo ao usar os símbolos nacionais", aponta.

Fotos: André Roedel

Camisa verde-amarela e a Bandeira Nacional estão sempre presentes nas manifestações da direita

Nos protestos pelo impeachment da ex-Presidente Dilma Rousseff, o uso da Bandeira Nacional foi muito comum

Cavalheiro, entretanto, frisa que não se deve confundir a direita clássica, liberal no sentido estrito, com a extrema-direita, que tem como objetivo despertar um sentimento de nacionalismo, que também não deveria ser confundido com o patriotismo. "E isso não é novidade. Todas as facções de extrema-direita venderam a mesma ideia. Não foi diferente na Alemanha nazista, para citar um exemplo", destaca o historiador.

O pesquisador comenta que ambos os espectros políticos utilizam de símbolos próprios para marcar seu território. "As cores, os dísticos, os mascotes, os emblemas, enfim, tudo isso tem como propósito criar uma identidade. Se eu uso determinada cor significa que não participo da outra facção, por exemplo. Vemos isso em torcidas de times de futebol e assim por diante. Agora, os símbolos nacionais, que deveriam pertencer à nação e não a um grupo político específico, são utilizados como forma de dizer que as ideologias trabalham para algo maior, um ente que chamamos de Pátria".

Cavalheiro tem uma posição radical sobre o uso dos símbolos nacionais por agremiações políticas. "Na minha opinião, deveria ser proibido o uso de símbolos nacionais por grupos partidários. Cada grupamento partidário deveria criar seus próprios símbolos. As cores, a bandeira, o hino, enfim, tudo o que dissesse respeito à nação, deveria ser mantido como valores acima de quaisquer disputas partidárias", declara.

Uso no passado e fora do Brasil

Mas não é de hoje que os símbolos são usados politicamente. "No curso das crises econômicas no século 20, o nacionalismo tende a manifestar uma lógica política baseada na construção da identidade nacional por oposição radical com relação às outras formas de vida e de identidade política", destaca o acadêmico Zuin, citando como exemplo as guerras mundiais. "A manipu-

lação dos símbolos pátrios foi usada para transformar o cidadão em soldado, para promover o ódio contra os inimigos da pátria, para legitimar a guerra".

Cavalheiro recorda que tanto a esquerda quanto a direita já usaram do mesmo símbolo no passado: a figura de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. "Na década de 1950, a esquerda usou de Tiradentes para encampar o movimento pelo 'Petróleo é nosso'. Durante a ditadura militar, o mesmo Tiradentes foi usado como defensor da pátria", aponta.

Zuin afirma que a questão nacional não está presente somente no nacionalismo bélico e agressivo. "A questão nacional e os símbolos formam um projeto político que implica na construção da independência e da soberania nacional, mas também na construção coletiva de uma sociedade de indivíduos ativos e cidadãos conscientes e responsáveis. Logo, é possível dizer que a questão nacional é um projeto político sempre aberto e complexo, que se movimenta conforme surgem novas questões sociais, econômicas e políticas".

Fotos: Divulgação

Os integrantes do PL, deputado estadual Rodrigo Moraes, o ex-Presidente Jair Bolsonaro e o deputado federal José Olímpio, durante evento político em março de 2024 no Itu Plaza Hotel. Na oportunidade, Bolsonaro visitou a cidade para apoiar a campanha de Moraes a prefeito de Itu

O deputado estadual Rodrigo Moraes ao lado do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro (à direita)

Fora do Brasil o uso político de símbolos nacionais também é muito presente. "Nós vemos nos Estados Unidos o uso das cores e da bandeira nacional por partidários de grupos extremistas como o QAnon (ou apenas Q) e o Tea Party Movement que se utilizam das cores nacionais e em suas manifestações é comum a aparição da bandeira nacional", lembra Cavalheiro. Segundo Zuin, nos momentos de crises sociais, especialmente econômicas e políticas, os símbolos nacionais podem ser reinterpretados e manifestados em novas formulações e projetos políticos.

Disputa partidária

No campo partidário, o uso dos símbolos escalou novos patamares. Para o deputado estadual ituano Rodrigo Moraes (PL), o Brasil teve momentos críticos de corrupção nos últimos anos e enfrentou a maior recessão econômica da história, o que fez a direita se unir para o impeachment de Dilma Rousseff (PT). "A bandeira nacional se tornou um símbolo de união nas ruas por uma causa conjunta para mudar a situação do País. Em contrapartida, a esquerda apenas usa as bandeiras referentes a partidos comunistas e sindicatos. A luta da direita é pelo Brasil e não por segmentos e sindicatos socialistas ou comunistas", aponta.

Na visão do parlamentar, os símbolos nacionais nunca estiveram mais valorizados do que estão nesse momento. "As pautas que envolvem progresso para o Brasil precisam ter símbolos nacionais. O problema é ver a esquerda tentando desvalorizar esses símbolos com uma narrativa de que representa o bolsonarismo, quando na verdade eles não são propriedade exclusiva de ninguém. Devemos incentivar todas as atividades esportivas, escolares e eventos nacionais que enaltecem a nossa bandeira", frisa Moraes.

O deputado afirma ter orgulho dos símbolos nacionais e de ser brasileiro. "E isso vai além das minhas convicções políticas. É ser patriota no sentido de simplesmente amar este País. Lembro-me muito bem quando formávamos fila para cantar o hino nas escolas em que estudei. Era um momento que trazia um sentimento de união, de pertencimento a nossa terra, valores que são essenciais para a construção de uma sociedade forte e comprometida com o coletivo em geral", finaliza.

Já a deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP), que foi candidata a vereadora nas eleições de 2016 em Itu/SP, entende que a apropriação dos símbolos nacionais pela direita vem de um longo processo histórico, e ocorre por diversas razões. "Mas, no geral, o uso da camiseta do Brasil - ou da CBF - é uma tentativa de dar legitimidade a pautas nem tanto, ou nada, legítimas. Se mascarando como patriotas, se vestindo dos nossos símbolos nacionais, defendem a destruição dos pilares da própria nação. A destruição do Estado, da Democracia, da Justiça e da Constituição do nosso País, em ambos os sentidos da palavra", afirma a parlamentar.

Ressignificação

A deputada, porém, acredita ser "plena-

mente possível” que a esquerda recupere e ressignifique os símbolos nacionais. “É óbvio, mudanças do significado de um símbolo não ocorrem de um dia pro outro, mas elas podem e precisam ser feitas. Mas temos um exemplo atual de que, dependendo das circunstâncias, isso pode ocorrer rapidamente”, aponta a parlamentar, destacando que hoje, após as tarifas implantadas pelo presidente estadunidense Donald Trump e até mesmo ameaças de anexação do Canadá e da Groenlândia ao território dos EUA, o discurso patriótico está se tornando suprapartidário, em oposição ao “trumpismo” e em defesa dos interesses estratégicos e do modo de vida das populações plurais dessas nações.

Em 26 de janeiro de 2025, a deputada participou da II Marsha Trans Brasil, realizada em Brasília/DF, usando um vestido com a bandeira nacional. “Símbolos nacionais são símbolos nacionais, deixar que um lado se apodere deles é negar a própria existência do Brasil enquanto nação, enquanto Estado Democrático de Direito. Esse enfrentamento, por si só, é necessário. E ir vestida com a nossa bandeira na Marsha Trans não foi apenas sobre enfrentamento político, foi também sobre afirmação política: lembrar que a população trans também compõe esta nação, tem direito aos seus símbolos, assim como tem direito a sua parte nela”.

Carlos Cavalheiro também enxerga essa tentativa de a esquerda se reapropriar dos símbolos para que também possa sobreviver enquanto ideologia. “Dizer: não somos o outro, somos como vocês. Eu creio que virá o tempo em que os símbolos nacionais voltem ao âmbito para o qual foram criados: o de fornecer elementos para a formação de uma identidade nacional. Mas isso vai levar algum tempo ainda”, finaliza. ■

André Roedel

Paulo Pinto/Agência Brasil

No dia 30 de março, na capital paulista, foram realizados movimentos sociais e sindicais contra a anistia aos condenados pelos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 ocorrido em Brasília/DF. A bandeira nacional foi usada

Reprodução

A deputada federal Erika Hilton usou um vestido com a bandeira do Brasil durante evento em Brasília

Hinos e cantos de guerra: vozes que unem corações

De estádios, escolas a quartéis, das cidades aos clubes de futebol, os hinos despertam paixões, criam identidades e eternizam memórias coletivas

Seja nas arquibancadas, nas praças ou nos pátios militares e de colégios, essas canções entoadas em uníssono formam uma identidade sonora que atravessa gerações. São memórias cantadas que conectam passado, presente e futuro em um só coro.

Não é preciso muito para sentir a força de um hino. Bastam os primeiros acordes para que os corações se alinhem. Nos campos de futebol, torcedores se arrepiam ao ouvir o hino do seu clube. Nas ruas, moradores se emocionam com o hino de sua cidade. Nos quartéis, militares prestam continência ao som que representa honra, dever e tradição.

Coleção família Cristofoletti

O Hino de Itu foi composto por Indicação do vereador Benedito Amauri Christofoletti

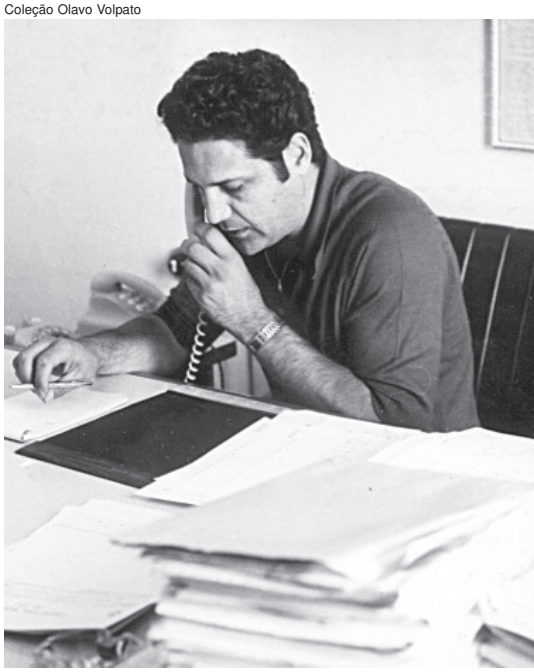
Hino de Itu/SP: orgulho e tradição

Com letra de José Luiz de Oliveira e melodia de Roberto Manzo, o Hino Oficial de Itu exalta a história e a determinação de seu povo. A iniciativa para sua criação ocorreu durante o segundo mandato do então prefeito Olavo Volpato – ARENA 2 –, no período de 1977 a 1982, após indicação do vereador Benedito Amauri Christofoletti – ARENA 2. Na época existia o "Hino à Itu", de autoria de Joaquim Loureiro da Cruz, mas que não era oficial.

"Foi necessário criar uma comissão especial para regulamentar um concurso público que selecionaria a letra e, posteriormente, a melodia do hino", relembra Volpato. O vereador Amauri foi nomeado presidente da comissão, por meio da Portaria nº 123/77.

A Comissão também era composta pelo professor José Luiz Antonio como Secretário e os demais membros eram: Maestro Isaías Belculfinè, Professora Carolina Moraes Macedo, Maestro Ciro Rocha, professora Laurita Bolognesi, Dr. Sandoval Borges de Carvalho, professora Maria Elisa Chierighini, professor Rogério Lázaro Toccheton, Benedito Carlos Savioli, professora Selma Santoro, professora Denise Ma-

Coleção Olavo Volpato



O concurso para a instituição do Hino de Itu foi feito durante o segundo mandato do ex-prefeito Olavo Volpato

BENEDITO A. BARCELLI
OAB/SP 118320
(11) 99685-9030
babarcelli@yahoo.com.br
babarcelli@adv.oabsp.org.br
Rua Ernesto Gatti, nº 215
Vila Gatti

• VENDA • LOCAÇÃO • ADMINISTRAÇÃO
Creci 35603-J
PROIMÓVEL
NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS
(11) 97120-1852
(11) 97321-4401
(11) 99958-0946
Rua Santa Rita nº 1445
Centro - Itu/SP
(11) 2429-2526
(11) 2429-2527
www.proimovel-itu.com.br

•LACQUA•
REFRIGERAÇÃO
Luiz Cavachini
(11) 99902-7152
DESDE 1986
Bebedouros de água e filtros IBBL e também de outras marcas.
Conserto em geral de aparelhos e equipamentos de refrigeração, freezer, balcões frigoríficos, etc.
Rua São João nº 415 - Vila São Francisco - Itu/SP - (11) 4022-3103
SERVIÇO AUTORIZADO ELGIN IBBL YORK Ar Condicionado Everest
gelados@uol.com.br

25 ANOS DE EXPERIÊNCIA E QUALIDADE!
Irmãos Ferrari
móveis planejados
FAZEMOS ORÇAMENTO NA GRANDE SÃO PAULO, LITORAL E INTERIOR
E-mail: ferrariirmaos@gmail.com
@irmaosferrarimp (11) 99911-0247 | (11) 9 9764-3983
Av. José Carlos Massoco nº 329 - Pinheirinho - Itu/SP

ria Trintadue e professora Antela Rimoli.

A regulamentação oficial veio com o Decreto nº 1.187/79, que definiu a divisão do concurso em duas etapas: escolha da letra e, em seguida, a composição musical. A Comissão Especial para julgar a Letra do Hino foi presidida pelo professor Benedito Ribeiro de Veiga Camargo e a Comissão para a escolha da música foi presidida pela professora Marisa Ferretti Fachini.

Arquivo/ Jornal Periscópio

José Luiz de Oliveira é o compositor da letra do Hino de Itu

A letra vencedora foi a do professor José Luiz de Oliveira. Já o concurso para a melodia foi inicialmente anulado: um comunicado da Prefeitura, de 29 de dezembro de 1980, explicou que a decisão da comissão, presidida pela professora Marisa Ferretti Fachini, deu-se pela "falta de criatividade, fator preponderante em todas as composições". Outros dois aspectos foram concluídos pelos integrantes da Comissão: "todas as músicas concorrentes trazem entre si, certas semelhanças com outros hinos já existentes".

Com os autores identificados apenas após a anulação — pois os candidatos usavam pseudônimos — descobriu-se que uma das composições era de Luiz Gonzaga da Costa Júnior, conhecido professor Luizito. "A comissão percebeu traços de plágio e ninguém quis dar a notícia. Coube a mim, como prefeito, conversar com ele", conta Volpato.

Segundo o ex-prefeito, a conversa foi serena. Professor Luizito revelou que se inspirou numa música ouvida durante uma missa na Igreja do Bom Jesus e, mesmo com a anulação, ele participou do novo concurso, ficando em segundo lugar.

O novo certame foi aberto em 28 de abril de 1981 e teve como vencedor o professor Roberto Manzo, de Santo André/SP, com músicos da capital integrando a banca.

Em 29 de outubro de 1982, a Lei nº 2.439 oficializou o hino, cuja primeira apresentação ocorreu em 31 de outubro, no Salão Imaculada da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora do Patrocínio (hoje Ceunsp). A execução ficou a cargo da Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, regida pelo maestro Bernardo Federowsky. O hino foi gravado em quatro versões: coral, banda, orquestra e solo, com interpretação do tenor ituano Walkyr Mazzolli.

Mais tarde, em 8 de dezembro de 1999, no governo do então prefeito Leonel Salvador (PMDB), foi feito o Decreto nº 3.928 que estabeleceu normas regulamentadoras para os símbolos do município.

Acervo/ Museu da Música – Itu

Luiz Gonzaga da Costa Júnior, conhecido professor Luizito, também participou do concurso do Hino de Itu, mas a comissão anulou a disputa após detectar traços de plágio na música dele

Canção do Quartel de Itu

No Exército Brasileiro, os cantos de guerra fazem parte da rotina dos soldados. Mais do que manter o ritmo em marchas e exercícios, essas canções reforçam valores como coragem, disciplina e união.

A Canção do 2º Grupo de Artilharia de Campanha Leve — Regimento Deodoro — foi oficializada em 4 de dezembro de 2006. A nova composição teve letra do general Edson Diehl Ripoli, que, naquela época, era tenente-coronel e comandava o Regimento Deodoro. A composição musical teve a participação do cabo, naquela ocasião maestro da Banda do Quartel, Luis Carlos Barbosa, atualmente 2º sargento, e pelo sub-tenente Marcelo Ribeiro do Rosário, hoje capitão, sendo que o arranjo da canção ficou a cargo do 3º sargento Marcos Paulo da Silva,

Arquivo/ Lineo Henrique da Costa

General Edson Diehl Ripoli é o autor da letra da nova canção do Regimento Deodoro

O 2º Sargento Luis Carlos Barbosa foi um dos autores da Canção do 2º Grupo de Artilharia de Campanha Leve (2º GAC L) - Regimento Deodoro

da Banda da Escola Preparatória de Cadetes do Exército - ESPCEX-, de Campinas/SP.

Segundo o general Diehl, antes da nova composição, havia uma canção que fazia menção aos obuseiros autopropulsados, usados quando a unidade ainda era o 2º GAC AP. A mudança de armamento, ocorrida em 2005, exigiu uma atualização musical: os obuseiros autopropulsados foram enviados para Uruguaiana/RS, e Itu passou a contar com os Oto Melara, mais leves.

"A nova canção foi pensada para ser atemporal", explica o ex-comandante do Regimento Deodoro. Segundo o oficial, a letra fala da cidade, do Colégio São Luiz, mas não menciona armamentos, que podem mudar com o tempo. Além disso, a versão anterior não tinha aprovação oficial do Exército; já a nova canção foi enviada à Secretaria Geral do Exército, em Brasília/DF, e publicada no Boletim da Força.

A Canção do 2º Grupo de Artilharia de Campanha Leve — Regimento Deodoro — foi publicada com a Portaria nº 329-SGEx, de 4 de dezembro de 2006, e a sua estreia oficial ocorreu em 20 de janeiro de 2007, na cerimônia de troca de comando do Regimento Deodoro.

O general fala com orgulho de ter passado pelo Regimento Deodoro em duas oportunidades em sua carreira militar, como capitão e, posteriormente, na patente de tenente-coronel, comandando a unidade do Exército local. "Itu foi o lugar onde permaneci mais tempo durante meus 44 anos de serviço. Servi aqui por oito anos. Ter servido no Regimento Deodoro foi muito importante", destaca o general Diehl.

O sargento Barbosa lembra com emoção o processo de elaboração da canção. "Eu me lembro quando o comandante do Regimento Deodoro determinou para mim a missão de preparar uma nova canção para o Regimento Deodoro. A canção foi bastante trabalhosa, pois tivemos que fazer muitas mudanças e adaptações. Foi uma sensação jamais sentida por mim, pois foi um trabalho cansativo, porém gratificante", explicou.

Hino do Ituano

No futebol, os hinos funcionam como cânticos de guerra. Em Itu, o Ituano Futebol Clube tem sua própria música, entoada por torcedores com orgulho, especialmente nos confrontos decisivos. O hino do Galo Rubro-Negro, como é conhecido, fala de garra, luta e vitória – verdadeira ode ao espírito esportivo.

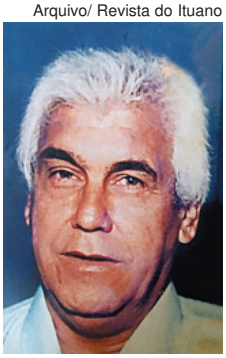
O Hino Oficial do Ituano Futebol Clube foi composto pelo repórter esportivo da Rádio Central de Campinas, Renato Silva, em 1990, a pedido da diretoria, após o acesso do clube à Divisão Especial da Federação Paulista, em 1989. O Presidente do Clube naquela época, José Domingos Francischinelli (Rosan), conta que, após um jogo, viu-se a necessidade de ter um hino oficial do clube. Até então era cantada a marchinha carnavalesca "Vermelho e Preto". "O Tuta Orsi (Adilson Orsi), supervisor do Ituano naquela ocasião, conhecia o Renato Silva e me recordo que o Gildo Guarnieri tomou a frente. O hino deveria ter as palavras guerreiro e marechal e, depois de pronto, a diretoria aprovou".

O repórter esportivo campineiro, Renato Silva, era torcedor da Ponte Preta e compositor de vários hinos de clubes, entre eles o da Ponte Preta e do Bragantino. Seu nome batismo era Benedito Pinto da Silva e o pseudônimo Renato foi adotado quando iniciou sua carreira como radialista. Ele faleceu em 1999. A primeira versão do hino Rubro-negro foi gravada pela Banda do Brejo, tradicional banda de bailes de Campinas.

Polêmicas "desafinam" o hino

Mas a história do hino teve uma reviravolta. Em 2006, quase sete anos após a morte de Renato Silva, sua viúva, Janice Neves Rabelo da Silva, entrou na Justiça pedindo indenização por danos morais e materiais. Segundo a ação, não havia comprovação de pagamento pela composição do hino.

Arquivo/ Revista do Ituano



O repórter esportivo campineiro, da Rádio Central, Renato Silva, foi quem compôs o hino do Galo Ituano

Em reportagem publicada na revista do Ituano (edição jan/fev de 2022), o jornalista Rodrigo Tomba relatou o caso. O ex-vice-presidente Antônio José Lui afirmou que o acordo foi verbal e o valor pago, à época, seria o equivalente a R$ 8 mil em valores atualizados. O processo durou cerca de dez anos e foi encerrado em 2016, após acordo entre a viúva e a diretoria do clube, com valor inferior ao inicialmente pedido.

O ex-presidente Rosan, por sua vez, garante que o pagamento foi realizado.

gráfica igil

75 ANOS

Entregando cores!

Folder, cardápio, livro, manual, wobbler, caderno, calendário, adesivo, embalagem personalizada, revista, panfleto, pôster, catálogo, pasta, filipeta e muito mais.

igil.com.br

11 4813-8696 | 11 9 5289-4433

@igilgrafica

Patrimônio descoberto

O hino do Instituto Borges de Artes e Ofícios (IBAO), que completou 100 anos em 2024, teve como autora da letra a professora e advogada Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli, que usava o pseudônimo de Marilú, e o compositor da música, Luiz Gonzaga da Costa Júnior, conhecido como professor Luizito.

Arquivo Regina Lonardi

A convite do professor Luizito, Maria Lúcia foi a autora da letra do hino do IBAO

Segundo o historiador Luis Roberto de Francisco, em 1955 o então diretor do IBAO, professor Álvaro Pari, convidou o professor Luizito a escrever e ensaiar o hino da instituição de ensino, que aceitou o desafio e convidou a professora Maria Lúcia, recém formada em Direito, para que escrevesse os versos que iria musicar.

"A música para o Hino do IBAO, o professor Luizito concebeu como uma marcha, dando vida aos versos de Maria Lúcia", explica Luis Roberto.

Luizito faleceu em 6 de dezembro de 1988 e seu acervo foi disperso, sendo que inúmeras partituras foram oferecidas em 1989 à professora e pianista Maria José Carrasqueira, que era muito próxima ao professor. Em 2019, Luís Roberto visitou Carrrasqueira a fim de transferir sua coleção pessoal ao Museu da Música de Itu. Dentre as mais de 200 partituras, estava o Hino do IBAO, até então sem conhecimento da sua existência.

"Até 2019 o material era desconhecido das pesquisas sobre a história da música local. A transferência do acervo abriu espaço para compreender-se a atuação dele além do ofício de professor, ou seja, como compositor e seresteiro, considerando algumas obras de sua autoria, nesse gênero, sob o pseudônimo Jeovah", descreve Luís Roberto no artigo da Revista da Acadil, intitulado "O Hino do IBAO: uma obra e o seu tempo".

Em 1932, o professor José Leite Pinheiro Júnior apresentou os versos do hino do Ginásio Estadual Regente Feijó (hoje Escola Estadual) ao então diretor Oscavo de Paula e Silva. Empolgado com os versos, o diretor pediu ao maestro Tristão Mariano da Costa para fazer a composição da música do hino da escola.

Fundado em 15 de outubro de 1894, o Grupo Escolar Dr. Cesário Motta - atual Escola Estadual Dr. Cesário Motta - foi o primeiro grupo escolar de Itu e seu hino composto por Benedito Motta Navarro. No informativo "O Cesário Motta", de outubro de 1964, consta que Navarro foi autor da letra e música da instituição de ensino. ■

Regina Lonardi

FONTES CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, Amarylio de. *A história do Hino Nacional Brasileiro*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1944.
ALBUQUERQUE, Amarylio de. *Ouviram do Ipiranga: vida de Francisco Manuel da Silva*. Rio de Janeiro: Editora Alba Ltda., 1959.
BARMAN, Roderick J. *O imperador cidadão: e a construção do Brasil*, São Paulo: Editora Unesp, 2012
CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
CASTAGNA, Paulo. "Francisco Manuel da Silva". In: PIMENTA, João Paulo; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (Org.). *Dicionário da Independência do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2022.
CHRISTOFOLETTI, Benedito Amauri. A História Hino Oficial de Itu. 1 Edição. Itu/SP: Ottoni Editora, 2002.
DUARTE, Celina. *A imprensa no processo de distensão (1974/1978)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História pela PUC-SP, 1987.
FRANCISCO, Luís Roberto de. *Elias Álvares Lobo: um momento na música brasileira*. Itu/SP: Editora Ottoni, 2001.
GAUTHIER, Guy. *O imperador republicano: uma concisa e reveladora biografia de dom Pedro II*. Maquinaria Editorial, 2021;
JURT, Joseph. "O Brasil: um Estado-Nação a ser construído, o papel dos símbolos nacionais, do Império à República". *Mana*, 18 (3), 2012.
KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
LUZ, Milton. *A história dos símbolos nacionais*. 2ª ed. Brasília: Senado Federal. 2024.
MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL-MEC, 1981.
MAYA, Maria Aparecida Vitta. *O guarda noturno da literatura brasileira: vida e obra de José Osório Duque Estrada*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2009.
MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de. *A música no Brasil – desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Salvador/Bahia: Tipografia de S. Joaquim, 1908.
MORAES, Renata Figueiredo. *O hino nacional brasileiro no centenário da Nação*. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2024.
NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual Editora, 2009.
NORA, Pierre (ed.). *Les lieux de mémoire*. (vol, 1, République). Paris: Gallimard, 1984.
PEREIRA, Avelino Romero Simões. "Hino Nacional Brasileiro: que história é esta?" In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*/USP, n.38, 1995.
PEREIRA, Avelino Romero Simões. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007
PEREIRA, Avelino Romero Simões. "Uma República musical: música, política e sociabilidade no Rio de Janeiro (1882 -1899)"; *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*, Anpuh, Natal/RN, 2013.
PRADO, Eduardo. A bandeira nacional. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1903.
Revista do Ituano 22 - janeiro/fevereiro 2022
Revista da Academia Ituana de Letras, volume XXVII, ano XXVI, Itu, SP, 2024.
RICHARD, Bernard. *Les emblèmes de la République*. Paris: CNRS Éditions, 2012.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

INTERNET:
https://www.camaraitu.sp.gov.br/noticias/itu-vista-pelo-seu-hino—conhecendo-a-letra-e-a-melodia-do-simbolo-oficial-da-cidade-de-itu,28-02-2013

ANS - nº 346276 Responsável técnico: Dr. Arnaldo Passafini Neto | CRM 55681

EMPREENDEDOR, CUIDE DE QUEM VOCÊ AMA!

Cuide da saúde da sua empresa!

Já pensou em ter um plano de saúde através da sua empresa?

Se você está há mais de 6 meses como MEI, é uma excelente oportunidade para você investir na sua saúde e na de sua família.

Conheça nossos planos empresariais a partir de 2 vidas!

Fale com um de nossos consultores:
(11) 97628-6745

Unimed
Salto/Itu

Nova Kia Carnival. Sua família viajando sempre de primeira classe.

Seu amplo espaço e conforto de altíssimo padrão fazem dela o modelo ideal para famílias numerosas e exigentes. São 8 assentos flexíveis, porta-malas de 627 L, com acionamento elétrico e abertura programável (Smart Tailgate), além da praticidade das portas laterais corrediças com comando inteligente (Smart Doors).

Saiba mais em: kia.com.br/carnival

KIA Gandini

(11) 4024-8001 gandinikiaitu